

Gabriel Almeida

# *O Tesouro de Spada*



Uma História de Nova Patópolis

Todos os personagens são de propriedade da Disney Inc. e utilizados sem a intenção de auferir qualquer valor a título de lucro direto ou indireto.

As histórias são de autoria exclusiva do autor e podem ser copiadas, divulgadas e disponibilizadas à vontade. O autor se reserva ao direito de pedir que as histórias não sejam alteradas.

Proibida a venda deste e-book ou de sua versão impressa.

Críticas, elogios, sugestões: [gabriel.pcalmeida@gmail.com](mailto:gabriel.pcalmeida@gmail.com)

A meu pai e a minha mãe, dedico de todo o coração este livro.

Obrigado por tudo.

## Agradecimentos

A primeira pessoa a agradecer é o próprio Walt Disney. Sem o mestre, este mundo maravilhoso que ele criou não teria existido. Agradeço de todo o coração a ele e a todos os envolvidos em seu trabalho, destacando-se, obviamente, Carl Barks, Floyd Gottfredson, Paul Murry, Tony Strobl, Don Rosa e tantos outros heróis de minha infância.

A segunda pessoa a agradecer é Alexandre Dumas Père. A este grande autor, que também encantou minha infância, direta e indiretamente, uma vez que seu trabalho inspirou outros grandes autores que igualmente me influenciaram, presto uma homenagem com este livro.

Agradeço agora a meus pais, que me introduziram ao mundo dos quadrinhos Disney (e diversos outros, como Asterix, Lucky Luke) e também por terem incentivado o meu gosto pela leitura.

Agradeço agora a Daniel Alencar, do blog <http://agibiteca.blogspot.com>, criador deste fantástico universo da Nova Patópolis e que gentilmente me permitiu escrever este livro.

Assim como a Daniel Alencar, agradeço a todos os outros que, em seus blogs e sites, mantêm viva a memória dos quadrinhos. Meus agradecimentos especiais a Luís Dias, do blog Chutinosaco, e a “Gizmo” do blog Tralhasvarias, os primeiros que descobri e que reacenderam a minha paixão pelos quadrinhos.

## Índice

- Comentário do autor.
- Prefácio, por Daniel Alencar
- Prólogo
- Capítulo 1: O pato mais rico do mundo
- Capítulo 2: o clube dos milionários
- Capítulo 3: Ânimo
- Capítulo 4: O Conde de Monte Cristo
- Capítulo 5: Família
- Capítulo 6: Amizade
- Capítulo 7: Preparativos para a viagem
- Capítulo 8: Nem tudo o que reluz...
- Capítulo 9: O sr. Fèval
- Capítulo 10: *Le Chateau de Monte Cristo*
- Capítulo 11: Um velho conhecido
- Capítulo 12: O homem que ri
- Capítulo 13: Prisioneiro
- Capítulo 14: Determinação
- Capítulo 15: Resgate
- Capítulo 16: Reconciliação
- Capítulo 17: O tesouro de Spada
- Epílogo

## Comentário do autor

Sempre gostei de ler. Desde pequeno, lia diversas revistas que meus pais me davam. Dentre essas, as revistas Disney eram as minhas preferidas. Mesmo depois de todos estes anos, elas ainda têm um lugar especial no meu coração. E, pelo que sei, no de muitas outras pessoas. Por quê? Bem talvez pelo fato de combinarem, como nenhuma outra revista o fez, as diversas emoções humanas. Nelas, os momentos de alegria, de humor, são temperados por alguns de certa tristeza, os personagens cometem erros. A história de Carl Barks, “Em busca do ouro”, talvez seja um dos melhores exemplos disso. Ao todo, é uma história em que predomina o humor, mas há momentos em que outras emoções recebem atenção. Tio Patinhas mostra seu lado “romântico” ao se lembrar de Dora Cintilante, ela mostra seu lado “desonesto” ao roubar suas posses, mas também o seu lado “abnegado” ao contar que usou o ouro que descobriu para ajudar as crianças órfãs do garimpo. Ele, por sua vez, mostra tanto seu lado “ganancioso” ao se apoderar de tudo o que ela tinha para pagar sua dívida e depois, o seu lado “abnegado” ao ensinar-lhe a localização do ouro. Essa “combinação” dessas emoções é o que sempre me fascinou nessas obras. Como diria o próprio Walt Disney: “For every laugh, there should be a tear”, “Para cada riso, deveria haver uma lágrima”.

Esse meu hábito de leitura deu asas à minha imaginação. Eu comecei a imaginar minhas próprias histórias, tanto com os personagens Disney quanto com outros que criei. Em função disso, o desejo de me tornar escritor sempre foi grande. Infelizmente, nunca tive muita coragem para isso.

Até que um dia, descobri, no blog Chutinosaco os livros da “Nova Patópolis”, escritos por Daniel Alencar. Devo dizer que foi uma das melhores leituras que tive durante aquela época. Então, assim como fazia quando era criança, comecei a imaginar mais histórias naquele universo fantástico e cheio de possibilidades. Uma delas se tornou quase o roteiro para uma história: Patinhas Cintilante procuraria um tesouro com Donald e os sobrinhos, da mesma forma como faziam com seu pai, e a relação entre eles seria explorada. Qual seria esse tesouro? A fortuna do conde de Monte Cristo, personagem do livro de mesmo nome de Alexandre Dumas Père, meu autor preferido. Seria também minha homenagem a ele.

Não resistindo mais ao desejo de escrever essa história, escrevi a Daniel Alencar pedindo sua autorização. Ele não só me permitiu, como se disponibilizou para me ajudar em tudo o que precisasse. Meu “muito obrigado”, novamente, pois ele me permitiu realizar um sonho.

Não tenho mais nada a falar do que: “Boa leitura”.

Espero que gostem tanto de ler este livro, quanto eu gostei de escrevê-lo.

## Prefácio, por Daniel Alencar

No dia que o meu amigo Gabriel Almeida me escreveu comentando que adoraria escrever um livro de Nova Patópolis e se eu autorizava, fui preenchido com diversos sentimentos, todos muito bons.

Primeiro fiquei feliz da minha pequena obra de literatura ter incentivado alguém a escrever. Em seguida, orgulhoso, pois com tantos estilos, histórias e situações, ele havia escolhido exatamente o universo de Nova Patópolis para criar sua obra de estréia.

Depois fiquei ansioso imaginando como seria o livro. Seria a primeira vez que eu leria uma história de Nova Patópolis sem saber o desfecho.

Fiquei muito animado quando descobri que a história seria uma caça ao tesouro ao melhor estilo Carl Barks, explorando as relações entre Patinhas Cintilante, Donald e os três sobrinhos. E finalmente, a surpresa, quando ele me disse que a busca seria ao mítico "Tesouro do Conde de Monte Cristo".

Quando li "O Conde de Monte Cristo", gostei muito da história. Alexandre Dumas juntamente com Julio Verne e Agatha Christie são referências para mim, por escreverem histórias fantásticas e ao mesmo tempo, realistas. Não vejo forma melhor de me distrair e passar o tempo de forma útil do que ler um dos grande clássicos escritos por eles.

Confesso que nunca havia me passado pela cabeça a possibilidade da existência desse tesouro. Mas já que existe, quem melhor que um Mac Patinhas para encontra-lo?

E se nessa caça ao tesouro, conseguíssemos explorar o relacionamento do filho do Tio Patinhas que ninguém conhece, mas que ficou com a herança e o império do pai com seu primo Donald que era amado como um filho? E principalmente com os meninos dos quais ele "roubou" a herança?

E se um velho inimigo retornasse e descobrissemos que existe um motivo para tanta raiva e rancor?

Misturando todos esses elementos, chegamos á origem do livro **"O Tesouro de Spada"**.

Como leitor em primeira mão, posso afirmar que o amigo Gabriel captou o espírito de Nova Patópolis em sua totalidade.

Drama, choro, tristeza, reações humanas, felicidade, motivações encravadas no passado e redenção.

Dezenas de citações a trilogia de Nova Patópolis, a clássicos da literatura, clássicos dos quadrinhos, grandes mestres, escritores e muito, muito mais... A delícia de perceber cada citação e ter a memória avivada por elas, é um prazer a mais de ler essa história.

Não vou contar mais nada para não estragar a surpresa, mas posso afirmar uma coisa com plena convicção:

**Se eu fosse escolher um escritor e uma história para expandir o universo de Nova Patópolis, seria "O Tesouro de Spada", escrita pelo amigo Gabriel Almeida.**

Fiquem com sua obra e aproveitem a leitura.

Grande abraço a todos,

Daniel Alencar



## Prólogo

Amanhecia na Cidade do Futuro. O sol começava a surgir, iluminando os prédios, árvores e as pessoas levantando de suas camas, tomando seu café da manhã, se despedindo de suas famílias e partindo para mais um dia de trabalho.

As pessoas que passavam pela luxuosa mansão Patinhas não deixavam de imaginar como seria a vida do pato mais rico do mundo.

- O que eu não daria para morar lá dentro? – Diz um pato próximo dos quarenta anos, observando da janela do ônibus.

- O que todos nós não daríamos? – Responde o pato sentado ao seu lado, um jovem de seus 25 a 26 anos.

- É, tem razão. Acho que todos nós queríamos ter a vida que leva aquele pão duro.

- Se eu tivesse todo aquele dinheiro, eu garanto que eu não ia ficar enfiado naquela mansão velha, interessado só na Bolsa, em que empresa lucrou mais ou menos, toda essa bobagem. Eu ia viver a vida dos meus sonhos, ia viajar pelo mundo todo, sair com atrizes de Hollywood, ter uma mansão em cada canto do mundo. Em vez disso, tenho que ficar aguentando um professor chato, uma aula chata, uma namorada chata....

- É... eu... não sei o que faria com todo aquele dinheiro, mas com certeza ia dar um destino melhor também.

- É aqui que eu desço. – Disse o jovem, e saltou do ônibus em frente à Universidade de Nova Patópolis.

O seu companheiro ficou observando ele entrar no prédio, com inveja daquela vida que ele levava.

- Se ele soubesse o que vem pela frente – Pensou – Não ia ficar reclamando das coisas. Contas, mulher, filhos, patrão... Só eu sei o quanto sofro.

Ele então começou a imaginar o que faria com todo aquele dinheiro. Iria reformar aquela mansão tétrica, pagaria plásticas para sua mulher (só assim ela o deixaria em paz), escolas para os filhos, não ia mais ficar aguentando as broncas do patrão. Ele seria o patrão. Teria um iate, um avião, só ia comer pratos finos, seria amigo do presidente.

Ele foi despertado desses pensamentos pela visão da próxima parada do ônibus, próximo da Construtora Patinhas, uma das mais importantes empresas da Holding Patinhas.

- Pão duro maldito! – Pensa – Além de ficar me humilhando com aquela mansão e com aquele dinheiro, ainda me obriga a trabalhar pra ele. Pro lucro dele!

Saltou do ônibus e olhou irritado para a porta da empresa.

- Ainda queria saber por que a caixa forte ficou inteira mesmo com aquele desastre todo! – Ele já havia pensado isso centenas de vezes, mas hoje estava com um mau humor maior do que de costume.

Entrou na empresa, recebeu uma bronca do chefe por não haver terminado seu trabalho a tempo, descontou a raiva nos empregados subordinados a ele... era um dia como os outros.

De tarde, saiu do emprego com um humor pior do que o da manhã e entrou no ônibus. Na volta, viu novamente a mansão Patinhas.

- Pão duro maldito! – Pensou com um suspiro – Mas o que eu não daria para ter a vida dele?

## **O pato mais rico do mundo**

O dia amanheceu também na mansão Patinhas. Da janela de seu quarto, o pato mais rico do mundo contemplava a sua cidade. Ao contrário do que muitos podiam pensar, não havia felicidade em seu rosto.

Observando a cidade, a pergunta que tantas vezes lhe perturbava voltava à sua mente:

- Valerá a pena tudo isso?

Seu desânimo tinha voltado a perturbá-lo, as preocupações com os negócios o desgastavam mais que de costume, os olhares curiosos dirigidos para ele, para a caixa forte e para a mansão o irritavam cada vez mais.

- Perdão, patrão. – Uma voz o tirou de seus pensamentos – O sr. Lionel Potter está no telefone, quer saber se já se decidiu quanto à compra das ações da sua empresa.

- Diga ao sr. Potter que ainda não – Foi a resposta irritada de Patinhas Cintilante.

- Mas patrão, ele disse que já não aceita esperar mais. Que se o senhor não comprá-las, ele vai vender para outro...

- Já pode ir, Peyrolles!

O mordomo saiu, deixando o magnata mais irritado do que já estava.

Quando assumiu o império de seu pai, Patinhas tentou manter os mesmos funcionários, mas, no caso do mordomo, encontrou dificuldades. De acordo com os registros de seu pai, ele tinha tido diversos mordomos. Os mais elogiados eram Batista e Leopoldo que, infelizmente, haviam deixado Patópolis. De repente surgiu aquele francês, quase uma resposta aos desejos do milionário. Peyrolles era um pato que parecia mais velho do que realmente era, magro, pálido, tinha pouco cabelo e era ligeiramente encurvado. Tinha bons antecedentes, era extremamente competente e, o melhor de tudo, não cobrava um preço muito alto por seus serviços.

Tudo ia bem quando um dia Patinhas descobriu o mordomo investigando sua mesa e seus papéis. Quando interrogado, ele disse que Patinhas tinha lhe pedido para procurar os papéis mais velhos e eliminá-los. Patinhas tinha quase certeza de que não lhe dera semelhante instrução (onde já se viu descartar papéis que podiam muito bem ser usados para outra coisa e, assim, economizar?), mas como estava muito desgastado, pode ser que tivesse esquecido. De qualquer modo, desse dia em diante, ele passou a prestar mais atenção no que o mordomo fazia. Percebeu que ele sempre tentava descobrir que negócios fazia com outros milionários, em que empresa investia etc. Ele não conseguia entender esse interesse do mordomo. Começava a suspeitar dele.

Ele sabia que seu pai tinha alguns inimigos, como os irmãos Metralha, Patacôncio, Mac Monei, Porcolino e aquela feiticeira (só de pensar nela ele estremecia de raiva), mas fora

isso, não sabia nada sobre eles. Mesmo que soubesse, não adiantava muita coisa. Peyrolles nunca deu nenhum indício de ter qualquer relação com eles.

Ele podia despedi-lo, mas não tinha coragem. Ignorava o quanto ele sabia, ignorava o QUE ele sabia. Fazer isso podia lhe trazer problemas futuros. Pode ser também que o estresse o tivesse feito imaginar mais mistérios no mordomo do que este tivesse. No fim das contas, ele era o menor dos seus problemas.

- Valerá a pena tudo isso? – Repetiu.

Como ele podia livrar-se desse desânimo? “Visite sua família”, aconselhou o dr. Ego. Mas ele tinha uma família? Ele já não sabia mais. É lógico, ele tinha sua mãe, sua tia no Canadá, mas eles... Ele já não sabia.

Donald e seus sobrinhos talvez tivessem sido as pessoas mais próximas de seu pai. Ele até tinha feito os meninos de herdeiros. Pensar nisso doeu. Ele daria tudo para que eles sentissem por ele a mesma afeição que sentiam por seu pai. Claro, nas poucas vezes em que se encontraram, eles o trataram muito bem. O magnata ainda se lembrava do entusiasmo deles quando o encontraram na casa da Vovó Donald. E quando ele foi visitá-los, seguindo os conselhos do dr. Ego. Mas mesmo assim, ele sentia que havia entre eles uma distância, quase uma parede invisível que os afastava dele. Eles não se conheciam tão bem quanto ele gostaria e qualquer tentativa de se aproximarem esfriava quando seu pai era mencionado. Patinhas não sabia disso, mas a tristeza que ele demonstrava nas poucas vezes em que eles falavam das aventuras que tiveram com o tio os fizera evitar tocar nesse assunto. O problema era que esse assunto, que tanto lhe trazia tristeza, era o que ele mais queria saber.

Ele também não sabia se eles o tratavam bem porque gostavam mesmo dele ou porque a educação mandava. Eles poderiam no fundo detestá-lo, e teriam razão para isso. Afinal de contas, não fora ele quem os privara da herança? Eles haviam dito no dia que não se importavam, mas isso seria verdade?

Também havia Donald. De todos os parentes, ele era aquele a quem Patinhas mais queria conhecer. Pelo que havia lido, seu pai dedicava ao sobrinho uma afeição quase paternal, mesmo que não deixasse isso transparecer. Por causa disso, ele costumava imaginar o primo como uma espécie de irmão. Mas havia um problema. Ele se lembrava do que Donald dissera quando foram apresentados:

“Que conveniente. É só um bilionário sumir, que surgem filhos do nada, com suas mães oportunistas.”

Os meninos podiam até não ter se importado, mas e seu tio? Era irônico, já que justo quem Patinhas mais queria a amizade, parecia ser a pessoa menos disposta a lhe dar.

Por fim, Patinhas deixou o quarto. Pensar naquelas coisas era muito doloroso. Talvez o trabalho o distraísse.

## **O clube dos milionários**



A ideia de ir trabalhar foi boa para Patinhas Cintilante. Na caixa forte, sua atenção voltou-se para os negócios e a tristeza foi deixando-o, gradativamente,

Próximo do meio dia, quando Patinhas parou um pouco para almoçar, surgiu dona Cotinha, antiga secretária do seu pai e agora sua.

- Desculpe interromper patrão, mas o senhor me pediu para lembrá-lo do jantar hoje, no Clube dos Milionários.

Patinhas suspirou. Não se havia lembrado disso.

Ele sabia que seu pai fora sócio desse clube. Também sabia que ele não se orgulhava muito desse fato. Lá se reuniam as pessoas mais fúteis, mais materialistas, mais egoístas que ele conhecia. Dentre os membros, havia um que lhe despertava profunda aversão: Patacôncio. Como esse sentimento era recíproco, eles muitas vezes brigavam nos encontros, o que era mais uma razão para ele evitá-los. Mas naquele clube estavam pessoas com as quais era lucrativo fazer negócios e a perspectiva do lucro fazia Patinhas aguentá-las.

Quando Patinhas Cintilante assumiu os negócios do pai, fora convidado para se juntar ao clube. Ele sabia que, assim como o pai, não era querido lá, mas aceitou assim mesmo. Na verdade, não fazia lhe muita diferença ser ou não membro. Ele quase nunca o freqüentava. Entretanto, nesta noite estaria presente o sr. Ben Kalish, dono de enormes reservas de petróleo, com quem Patinhas tinha esperança de fazer uma parceria.

Depois de muito refletir, decidiu que o lucro valia à pena:

- Obrigado, dona Cotinha. Eu irei.

Ele percebeu que ela continuava na sala.

- Precisa de alguma coisa, dona Cotinha?

- Não, patrão – Ela começou, sem muita coragem – É que seu pai... ele não era muito bem vindo naquele clube.

Patinhas observou-a. Ele podia ver que ela estava preocupada com ele.

- Não se preocupe, dona Cotinha. Aqueles milionários não me assustam. Obrigado.

Ela se retirou. Ali estava uma funcionária como poucas, e ele não tinha precisado nem procurar por ela. Se ao menos todos os outros fossem assim.

Às 10 horas da noite, o motorista de Patinhas o deixava na porta do clube. Ele não usava muito os serviços do seu motorista, mas naquela noite era importante que ele passasse uma boa impressão. Deixou sua cartola e bengala na recepção (ele fazia questão de vestir-se como o pai), respirou fundo e se dirigiu para o interior do clube.

O clube dos milionários tinha uma aparência pouco agradável. Seu piso era de mármore escuro, as paredes eram escuras, enfeitadas por quadros abstratos e as salas eram

decoradas com objetos de arte moderna, mais exóticos do que belos. Havia poltronas confortáveis para os membros, cinzeiros para aqueles que fumavam e, na sala principal, uma enorme mesa, na qual os milionários se alimentavam e discutiam economia.

Mal entrou, Patinhas Cintilante sentiu que os olhos dos membros se dirigiam para ele. Era esperado, pois ele quase nunca frequentava aquele lugar. Disse “boa noite” para um grupo que conversava animadamente, sentou em uma das poltronas e resolveu esperar até que o jantar começasse. Ele não podia afirmar com certeza, mas jurava que ouvira o grupo animado contar uma piada sobre mães solteiras assim que ele entrou.

Por fim chegou a hora. Patinhas foi para a mesa e procurou um lugar próximo a Ben Kalish. Não havia nenhum. Aparentemente, todos tiveram a mesma ideia que ele. Isso não o teria perturbado tanto se Patacôncio não fosse um dos poucos que conseguira um lugar próximo ao ilustre visitante. Patacôncio tinha menos simpatia por Patinhas Cintilante do que por seu pai, se é que isso era possível. Mais que isso, sempre que possível, ele procurava irritá-lo, fazia menções à sua mãe e à ocupação dela.

O jantar transcorreu sem nenhum problema para Patinhas, mas também sem que houvesse qualquer chance para ele falar com Ben Kalish. Em determinado momento, este começou a falar sobre as virtudes necessárias a um bom homem de negócios.

- Acima de tudo, é necessário um controle enorme sobre as emoções. Não se deve fazer acordos com base na simpatia ou aversão que se tem para com o envolvido, mas com base no lucro. Também tem de se ter o cuidado para não se animar com os primeiros lucros e, assim, investir em ações fadadas à queda, nem tampouco desanimar com os prejuízos e deixar que uma excessiva cautela impeça novos negócios.

Todos concordaram com aquelas palavras tantas vezes ditas por eles, mas que sempre conferiam a quem as falasse um ar de importância. O banqueiro Lionel Potter, um pato de idade muito avançada, um pouco careca e possuidor de um humor instável, até decidiu acrescentar:

- Isso se deve, senhores, ao berço. Esse controle das emoções não é adquirido, é herdado. Qualquer um que tente adquiri-lo, só conseguirá uma mera sombra dele. Homens bons se unem a mulheres boas e geram filhos bons. Era assim na época de meus pais e na dos pais deles e continuará sendo assim.

- Cuidado, sr. Potter – Disse Patacôncio com um sorriso – Alguém aqui pode se sentir ofendido.

Patinhas respirou fundo, ele sabia a quem Patacôncio se referia. Provavelmente ele e Potter haviam combinado algo assim, depois do último ter tido seu negócio recusado. Se ao menos eles tivessem se entendido, talvez isso não teria acontecido.

- Mais vinho, por favor. – Patinhas pediu ao mordomo.

Ele não gostava de beber, mas só isso o faria aguentar essa noite. Depois de ingeri-lo, sentiu-se mais forte para suportar as provocações.

Infelizmente, aquele assunto continuou, e Patacôncio e Potter sempre que podiam faziam referências a mães solteiras, filhos ilegítimos etc. Patinhas Cintilante suave, disposto a não responder àquelas provocações.

- Por que você está suando tanto, Patinhas? Não está tão quente. Sente-se mal? – Foi a pergunta de Lionel Potter.

- Eu estou bem, obrigado. Mais vinho, por favor.

Seu copo foi enchido, a conversa continuou. O copo foi novamente enchido, e de novo, e de novo. Ele já perdera a conta do quanto bebera.

- Você tem certeza de que está bem, Patinhas? – Foi Ben Kalish que perguntou – Você já deve ter bebido mais de uma garrafa, precisa de algo?

- Não se preocupe, sr. Ben Kalish. – Disse Patacôncio – Patinhas está acostumado com isso. A mãe dele trabalhava em um saloon, como aqueles dos filmes. Onde era mesmo? Dodge City? Tombstone? O nome dele era “Black Ace”, não? Ou “Black Hand”?

Aquilo foi o que faltava para a explosão.

- ISSO NÃO É DA SUA CONTA, PATACÔNCIO! ACHA QUE NÃO PERCEBI SUAS INSINUAÇÕES? EU POSSO SER FILHO DE UMA MÃE SOLTEIRA, MAS E DAÍ? A SUA MÃE É MELHOR DO QUE A MINHA? SEU PAI É MELHOR DO QUE O MEU?

- Céus! Eu não disse nada disso. – Disse Patacôncio com ironia.

- Isso se deve àquela falta de berço, de que eu falava. – Disse Potter.

- E O SENHOR, SR. POTTER? ACHA QUE É SUPERIOR SÓ PORQUE SUA FAMÍLIA JÁ ERA RICA? DESPREZA-ME AGORA, MAS SÓ FALTOU IMPLORAR PARA QUE EU COMPRASSE SUAS AÇÕES! EU, O FILHO DA MÃE SOLTEIRA!

- Isso é demais! Eu me retiro – Disse o sr. Potter, aparentando estar ofendido.

- Eu também – Disse Ben Kalish – Boa Noite, senhores.

-Não... espere... me desculpe – Patinhas tentou segurá-lo, mas caiu da cadeira por causa do álcool.

**Ânimo**

Patinhas Cintilante acordou em seu quarto. Sua cabeça doía, seu corpo doía e ele não fazia ideia de como fora parar lá. Aos poucos, a lembrança daquele jantar veio à sua mente.

- O que eu fiz?

Ele não conseguia acreditar no que tinha feito. Tinha agido exatamente como Patacôncio queria. A parceria com Ben Kalish fora desfeita antes mesmo de ter começado. Ficou um tempo observando a cidade pela janela, se perguntando o que as pessoas estariam pensando dele, o que Donald e os meninos estariam pensando dele.

Por fim, não agüentou mais e decidiu ir até sua caixa forte. Talvez ele se distraísse.

Quando chegou lá, havia uma surpresa pela qual ele não esperava. Vários repórteres o esperavam. Ele mal desceu do carro e correram até ele.

- Sr. Patinhas! Qual sua opinião sobre a reportagem da "Patranha"? E dos outros jornais? É mentira? É verdade? O que aconteceu no jantar no Clube dos Milionários?

Sem responder, ele entrou na caixa forte. Aquilo parecia um pesadelo. Sem nem perceber, ele se encaminhou para sua sala e fechou a porta. Lá ele pode ver a notícia do jornal de Patacôncio.

"MILIONÁRIO SE EMBEBEDA E OFENDE VISITANTE", esta era a manchete.

"Patinhas Cintilante, filho do famoso magnata Patinhas Mac Patinhas, na noite de quinta-feira, no clube dos milionários, deixou que a bebida lhe tirasse a razão e ofendeu os demais membros. "Estou tremendamente espantado com o comportamento do sr. Patinhas" – Essas foram as palavras de Abdallah Ben Kalish, convidado pelo clube e um dos principais ofendidos pelo milionário bêbado." O jornal continuava falando do acontecimento, havia uma entrevista com um médico alertando sobre os perigos do álcool, entre outras coisas ligadas ao assunto.

Já havia decorrido um tempo desde que Patinhas entrara em sua sala. Dona Cotinha não conseguia se concentrar no trabalho. Sempre olhava para a porta da sala do patrão. Por fim não agüentou e entrou.

Encontrou Patinhas Cintilante com o rosto entre as mãos. Ele chorava.

- Patrão? – Ela chamou timidamente.

- É a senhora, dona Cotinha? – Ele perguntou – A senhora já sabe, não é?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça.

- Me comportei como um idiota! Fiz tudo o que o Patacôncio queria! O que meu pai estaria pensando de mim? O que minha família estará pensando? O que a senhora estará pensando?

Ela se aproximou dele e colocou a mão em seu ombro, como uma mãe o faria.

- Eu não estou pensando nada, sr. Patinhas. Eu sabia que aqueles homens tentariam prejudicá-lo. Não se preocupe com isso.

- A senhora não entende. Eles não fizeram nada, fui eu! Tudo o que os jornais dizem, eu fiz tudo isso! – E indicando-lhe o computador – Olhe! Não foi só o jornal do Patacôncio! Havia repórteres de todo o mundo em Nova Patópolis ontem, por causa da visita do Ben Kalish. Eu sou manchete em jornais do mundo todo!

- Não se preocupe com isso, sr. Patinhas. Todos nós erramos, seu pai também errou, não há como evitar. O importante é não nos deixarmos abalar pelos erros.

Ela pegou um lenço e enxugou as lágrimas dele.

- Pronto, pronto. Se sente melhor?

- Por que a senhora está fazendo isso, dona Cotinha? Eu... eu não sou o melhor dos patrões.

- Não diga bobagens. O senhor é muito melhor do se considera. Assim como seu pai.

- Ele falou muito bem da senhora no diário. Por que a senhora era tão boa com ele também? A maioria dos empregados parece que detestava ele.

Ela deu uma risadinha.

- É, ele não era muito querido por todos. Mas eu... eu gostava dele... Não, não é dessa forma que o senhor está pensando – Ela apressou-se em dizer, depois de reparar na expressão de surpresa dele – Eu tinha um pouco de pena dele, mais de uma vez o peguei olhando para as fotos das irmãs, com uma expressão muito triste. Dava para ver que mesmo com todo o dinheiro, ele não era muito feliz. Eu me sentia mais ou menos como uma irmã mais velha dele. Fui eu quem falou pra ele convidar o Donald e os meninos naquele Natal.

Vendo que Patinhas Cintilante se acalmara, ela disse:

- O senhor precisa de férias, sr. Patinhas. Saia dessa cidade, visite o Donald e os meninos ou então a avó deles, divirta-se.

- Eu vou tentar. Obrigado, dona Cotinha. Obrigado por tudo.

## **O Conde de Monte Cristo**

Patinhas Cintilante deixou a caixa forte mais cedo naquele dia. Estava ansioso por chegar em casa, tomar um banho, relaxar. Ele não se esquecia do que dona Cotinha tinha feito por ele e nem do que ela lhe disse.

“Divirta-se”. Era isso que ele precisava, mas não sabia muito bem como.

Ao chegar à mansão, viu alguns repórteres, mas os ignorou, entrou em casa e disse a Peyrolles que não estava para ninguém. Depois de um banho e de um jantar, Patinhas sentiu-se novo. Era bom não se preocupar com o trabalho de vez em quando. Só não sabia o que iria fazer nos próximos dias, mas iria descansar.

Decidiu assistir à televisão. Era uma boa distração, enquanto não se decidia sobre o que fazer.

Infelizmente, logo ao ligar se deparou com um noticiário no qual ele era mencionado.

- E nunca antes uma só pessoa recebeu tanta atenção, de todo o mundo, como o milionário Patinhas Cintilante, filho do controverso milionário Patinhas Mac Patinhas.

- Ainda por cima, me rebaixaram – Pensa Patinhas – Milionário? Bah!

- Jornais de todo o mundo relatam a explosão do magnata, causada pelo consumo excessivo de álcool. Curiosamente, o jornal belga “Le petit vingtième” não faz qualquer referência ao acontecido, mesmo tendo um de seus repórteres estado presente no dia do episódio, sem dúvida para cobrir a visita de Ben Kalish. O dono do jornal, sr. Hergé, não se manifestou quanto ao motivo. Este repórter se pergunta: teria ele sido coagido a não publicar nada? Ou subornado?

Patinhas não aguentou mais e mudou de canal. A única coisa que salvou naquele noticiário foi saber que um jornal não publicara nada sobre aquilo. Ele não sabia o seu motivo, mas se sentia extremamente grato aquele sr. Hergé.

O canal seguinte parecia mais promissor. Ele exibia um filme antigo, em preto e branco. Inicialmente, via-se uma espécie de brasão e os créditos diziam:

“RELIANCE PICTURES

present

ALEXANDRE DUMAS’

IMMORTAL STORY”

E, logo depois:

“THE COUNT OF MONTE CRISTO”

WITH

ROBERT DONAT

AND



ELISSA LANDI”

- O conde de Monte Cristo! – Pensou Patinhas – Faz mais de 20 anos que li o livro.

Sua mente foi inundada por boas recordações da infância, quando tudo era mais simples. Sempre gostara de ler e “O conde de Monte Cristo” era um de seus livros preferidos. Ele sonhava em ser rico como o personagem.

- Quem diria que eu consegui o que queria? – Pensou – E não fiquei muito satisfeito com isso.

Continuou assistindo ao filme. Quando terminou, Patinhas já havia se esquecido do noticiário irritante. Sua mente ainda estava na França do século XIX. Repentinamente ele pensou em algo:

- E se o tesouro do conde for verdadeiro?

O tesouro a que Patinhas Cintilante se referia correspondia a mil lingotes de ouro de duas a três libras cada um, vinte e cinco mil escudos de ouro, enormes quantidades de pérolas, pedrarias e diamantes. Ele havia sido revelado a Edmond Dantès, o futuro conde de Monte Cristo, por seu colega de cela, o abade Faria. Consistia na fortuna do cardeal italiano Spada. No final século XV, o papa Alexandre VI, antigo Rodrigo Bórgia, necessitava de dinheiro para enfrentar Luís XII da França, e seu filho, César Bórgia, também necessitava de dinheiro para concluir sua dominação da Itália.

Os dois estadistas tiveram então uma ideia que auxiliava enormemente seus propósitos: venderiam cargos de cardeais às famílias mais ricas da região, Spada e Rospigliosi. Lucrariam então com a venda dos postos e depois se apossariam das grandes fortunas dos dois cardeais, quando estes morressem. Tudo correu bem e os infelizes cardeais morreram misteriosamente, após um jantar com os Bórgia. Entretanto, estes se viram com um problema: enquanto conseguiram se apoderar da grande fortuna do cardeal Rospigliosi, a do cardeal Spada havia desaparecido. De acordo com o livro, ela havia sido escondida na ilha de Monte Cristo, onde foi encontrada, séculos depois, por Edmond Dantès.

Ele saltou da poltrona disposto a pesquisar isso. O aventureiro, o descobridor de tesouros, o Patinhas Mac Patinhas parecia ter nascido dentro dele.

Em pouco tempo, graças ao Vácuo, ele tinha todas as informações possíveis sobre o livro. Infelizmente, não havia muita coisa sobre o tesouro, mas uma pequena linha valia mais que páginas de informação: “o tesouro de Spada, escondido na ilha de Monte Cristo e descoberto por Edmond Dantes foi inspirado em histórias reais...” Aquilo bastou para fazer Patinhas dedicar toda a noite à procura de informações sobre ele.

Apesar de horas terem sido gastas na pesquisa, Patinhas não encontrou nada de mais conclusivo. Era incrível que o Vácuo não tivesse aquela informação, mas também era uma informação tão exótica que poucas pessoas se interessariam por ela. Somente fãs e estudiosos do autor se interessariam por isso.

Estudiosos... Rapidamente Patinhas pesquisou os estudiosos de Dumas. Em pouco tempo, encontrou o que queria: “Jules Fêval, maior autoridade em Alexandre Dumas”. Havia também o endereço e o telefone.

- Bem Patinhas, está na hora de provar que é filho do seu pai – Disse para si mesmo.

O problema agora era decidir quem iria acompanhá-lo na expedição. Ou melhor, o problema era convencer quem ele queria a acompanhá-lo.

## **Familia**

No dia seguinte, Patinhas levantou-se muito cedo. Não deveria ter dormido nem 3 horas, mas sentia-se ótimo.

- Bom dia, Peyrolles! – Ele disse com um entusiasmo fora do comum ao avistar seu mordomo e, sem esperar sua resposta, foi até a sua garagem.

Entrou em seu carro e encaminhou-se para a casa de Donald e seus sobrinhos. Após estacionar, dirigiu-se para a porta. Ele podia ouvi-los lá dentro, estavam tomando o café da manhã. Respirou fundo, o que eles responderiam poderia levá-lo às nuvens ou esmagá-lo, mas ele tinha que saber. Criou coragem e bateu na porta.

- Quem será a esta hora? – Ele ouviu Donald perguntar, mal humorado, enquanto se dirigia a porta.

- Primo Patinhas? O senhor? En... entre. – Disse Donald, sem jeito.

- Obrigado – Foi a resposta de Patinhas.

- Meninos, venham ver que veio nos visitar! – Berrou Donald.

Em pouco tempo surgiram Huguinho, Zezinho e Luisinho.

- Primo Patinhas! – Gritaram os três e correram para abraçá-lo.

O dia começara bem. Ele fora muito mais bem recebido do que esperava.

- Agora, primo... a que devemos o prazer da visita? – Perguntou Donald.

- Eu... eu estava com saudades. – Respondeu Patinhas.

Ele não gostava de mentir, não queria mentir, mas ainda não tinha coragem de dizer o verdadeiro motivo.

- Venha tomar um café, primo. – Convidaram os meninos.

- Obrigado, meninos. Acho que vou mesmo.

“Puxou o pai”, pensou Donald, “diz que estava com saudades, mas vem é tomar o café aqui e economizar”.

Os cinco sentaram-se à mesa e tomaram o café, sem que nada de significativo ocorresse. Patinhas então resolveu levar ao assunto para o que interessava.

- Meu pai gostava de procurar tesouros, não é mesmo?

- É, ele gostava de tudo que ajudasse a enriquecer. – Disse Donald, um pouco desconfiado.

- Mas o que mais importava pra ele era o que o tesouro representava, tio Donald. – Disse Huguinho.

- Isso mesmo, tio – Completou Zezinho – A aventura, o desafio, a vitória, isso importava mais que o valor do tesouro.

- Lembra daquela vez que fomos procurar o ouro no Vale da Agonia Branca? Ele deixou tudo pra... – Luisinho parou ao reparar na expressão do primo – Pra ela.

Como Patinhas Cintilante queria ter conhecido o pai!

- É, ele tinha um lado sentimental – Admitiu Donald com um pouco de má vontade – Mas que o lucro falava alto, isso falava.

- É – Admitiram os meninos.

- Eu gostaria de ter participado dessas aventuras com vocês... com ele – Disse Patinhas, um pouco triste.

Donald e os meninos se entreolharam, sem saber o que dizer.

- Vocês sentem falta dessas aventuras? – Perguntou Patinhas, por fim.

- Sentimos – Confirmaram entusiasmados os meninos – Nós aprendemos muita coisa, conhecemos muitos lugares, conhecemos... ele – Eles pararam aí mas, a um sinal do primo de que queria ouvir mais, continuaram – Conhecemos aquele lado que ele não admitia muito, aquele lado mais humano.

Ele não agüentava mais, decidiu revelar o motivo naquele momento:

- Vocês gostariam de me acompanhar numa aventura dessas? Atrás de um tesouro?

Essa pergunta produziu um efeito que nem Patinhas esperava. Donald deixou cair a xícara que estava em sua mão e ficou com uma expressão abobada no rosto. Já os meninos, depois de ficarem de boca aberta por um tempo, perguntaram:

- Isso é... é sério?

Patinhas confirmou com a cabeça, um pouco triste com a reação deles.

- Que tesouro?

- A fortuna do cardeal Spada, desaparecida desde o século XV.

- Nós... nós nunca pensamos que o senhor ia se interessar por isso. – Eles se desculparam.

- Eu entendo. Está tudo bem, não se preocupem.

- Não... nós só precisamos de um tempo pra decidir... não é, tio Donald?

Donald ainda estava surpreso, mas confirmou assim mesmo.

- Tudo bem, podem decidir com calma, o que quiserem. – Disse Patinhas, se levantando. – Me liguem assim que decidirem, é... é importante pra mim. Bom dia, Donald, meninos. Obrigado pelo café da manhã.

Dizendo isso, ele saiu, deixando os quatro presos em reflexões.

Depois de um tempo, Luisinho quebrou o silêncio:

- Acho que ia ser legal a gente ir com ele. Quer dizer, a gente ia conhecer mais ele, conhecer outros lugares, igual com tio Patinhas.

- Nós já conhecemos ele bem demais. – Disse Donald, seco.

- Acho que não – Disse Zezinho – Lembra que achávamos que o tio Patinhas era um pão duro, que só pensava em dinheiro? Foi viajando com ele que a gente o conheceu mesmo.

- Eu também acho que a gente devia ir, eu tenho boas memórias das aventuras com o tio Patinhas. – Foi a vez de Huguinho.

- Aventuras que quase custaram a nossa vida. – Donald contestou, mais seco ainda.

- Tio, qual é o problema em ir com ele? Você também gostava das nossas viagens com o tio Patinhas, a gente sabe disso.

Donald se calou. Ele não sabia o que responder. Lembrar do que acontecera com Ka K ainda doía muito e os sobrinhos eram o que lhe dava forças para suportar a tristeza. Ele passou a ter medo que lhes acontecesse alguma coisa. Sem eles, ele não saberia o que fazer. Se ao menos eles entendessem isso.

- Eu... eu tenho medo de acontecer alguma coisa com a gente... com vocês. – Ele sabia que eles não acreditariam, ele nunca tinha mostrado essa preocupação antes. Mas era verdade.

- Tio... a gente já fez isso tantas vezes. E sempre conseguimos escapar, até das mais difíceis. – Disse Huguinho.

- E, além do mais, o primo Patinhas não deve ter planejado nada muito perigoso. – Completou Zezinho – Ele não tem muita experiência nisso.

Donald não conseguia acreditar. Eles tinham acreditado nele dessa vez. Um dos seus maiores medos era que eles o considerassem um tio chato, autoritário, que não tinha paciência com eles. Apesar de muitas vezes ter deixado transparecer isso, no fundo, ele era o oposto. Decidiu aquiescer por causa disso.

- É, eu acho que viajarmos com ele não vai fazer mal. – Ele admitiu.

Talvez aquela viagem fosse boa para ele. Talvez o ajudasse a esquecer... não, ele nunca ia conseguir esquecer ela. Mas talvez o ajudasse a agüentar aquela... separação.

Depois de refletir mais um pouco, tomou uma decisão e ligou para a mansão Patinhas. Não é possível descrever a alegria que o primo ficou quando soube da decisão deles.

“Eles aceitaram ir comigo!”, pensou. “Então, eles não têm raiva de mim! Era tudo invenção minha, preocupação minha!” Pensar nisso lhe dava vontade de pular de alegria. “Eu vou fazer o possível para ser igual ao meu pai!”.

Rapidamente, telefonou para Paris, marcando uma visita ao senhor Jules Fèval.

- *Oui?*

- *Monsieur Fèval*, sou o banqueiro Patinhas Cintilante, já deve ter ouvido falar de mim.

- *Ah, monsieur Patinhas! Oui, oui.* A que devo a honrra do telefonema?

- Eu soube que o senhor é uma das maiores autoridades em Alexandre Dumas – Ele ouviu uma risada de aprovação – Ele é um dos meus autores preferidos e... eu queria discutir umas coisas com o senhor. Se algumas coisas dos livros dele são... inspiradas em fatos reais.

- Bem, eu estou honrado com a preferência, *monsieur*. Se puderr virr a *Paris* neste fim de semana, creio que poderremos conversarr.

- *Merci, monsieur! Très merci!* – Patinhas não sabia se tinha agradecido corretamente, mas isso não importava. Sentia-se num sonho.

Era necessário também procurar um hotel. Uma rápida pesquisa lhe mostrou todos os disponíveis, desde os mais luxuosos aos mais humildes. Ele preferia um mais discreto. O hotel *Lagardère* foi o que mais lhe agradou.

- *Bonjour.* Hotel *Lagardère*? Eu desejo um alugar um quarto. Sr. Floyd Barks e família – Ele não queria dizer seu nome verdadeiro. O escândalo no clube dos milionários ainda era muito comentado.

Quando desligou o telefone, percebeu algo que diminuiu um pouco a sua alegria: Peyrolles estava no quarto. Ele não sabia há quanto tempo, mas parecia que tinha ouvido a conversa.

- O que você quer, Peyrolles?

- Vim saber se o patrão já se decidiu quanto às ações do sr. Potter.

- É lógico que não vou comprá-las! – Disse Patinhas, irritado. Não acreditara no que Peyrolles dissera. Era óbvio que ele não iria comprar nada do sr. Potter depois daquela noite.

- Desculpe patrão. É que eu me importo com suas coisas.

- Eu sei, Peyrolles. Você é muito prestativo. – Disse Patinhas, com certa ironia – Pode ir, agora.

Peyrolles se retirou, deixando Patinhas desconfiado. Estava claro que seu mordomo tinha interesses em saber o que ele iria fazer. Ele só não sabia por que motivo. De repente, ele sentiu-se um pouco ameaçado. Talvez aquela viagem com os primos não fosse tão segura assim. Mas não ia desistir. Ele só precisava de alguém de confiança para acompanhá-los.

**Amizade**



A cidade de St. Canard era quase a antítese de Nova Patópolis. Enquanto a cidade de Patinhas Cintilante era a uma das mais modernas do país, a outra ainda se mostrava muito atrasada nesse aspecto. A arquitetura moderna de Nova Patópolis era tristemente contrastada com os prédios escuros, sujos e mal cuidados de St. Canard.

A segurança também era um problema. A criminalidade ainda era muito forte nessa cidade. Muitos criminosos ainda tinham grande autoridade na cidade, controlando o tráfico, os jogos de azar e tudo o que fosse lucrativo. Quando alguma autoridade tentava fazer alguma coisa contra isso, ela era convidada a parar, por bem ou por mal.

Era uma cidade misteriosa também. Havia relatos de bruxas e monstros na cidade, além de agências secretas de espões. Muitos consideravam isso como meros mitos, mas não havia como negar que, se uma cidade fosse própria para essas ocorrências fantásticas, essa cidade era St. Canard.

Para deixá-la mais pitoresca do que já era, St. Canard tinha também um defensor. Um pato misterioso, que se autodenominava "Darkwing Duck", perseguia os criminosos dessa cidade. O mais estranho era que esses atos heróicos e perigosos eram seguidos de um desejo enorme por fama. O suposto herói fazia questão que seus feitos fossem noticiados pelos meios de comunicação e mais de uma vez havia dado entrevistas.

Apesar de tudo isso, era para essa cidade que Patinhas Cintilante tinha se dirigido. Ele estacionou seu carro (novamente ele fora sem o motorista) em frente a uma pequena casa, de aparência modesta.

Tocou a campainha e aguardou alguns instantes. Patinhas se espantou com a aparência de quem abriu a porta, não fora assim que seu pai descrevera seu piloto.

- Capitão Boeing? – Perguntou, sem jeito.

- Não, não. Meu nome é Drake Mallard. Eu... eu sou amigo do cap. Boeing. – Foi a resposta.

- Ele está?

Drake Mallard pareceu sem saber o que responder, por fim, perguntou:

- É o senhor Patinhas, não é? – Depois de ele ter confirmado isso, continuou – O senhor quer contratá-lo, é isso?

- Eu espero que ele aceite. Por quê? Há algo de errado?

Drake Mallard pensou um pouco antes de responder.

- Errado não, mas... Eu acho que é melhor o senhor ver por si mesmo.

Dizendo isso, conduziu Patinhas para dentro. Era uma casa pequena, com poucos móveis. Nas paredes se viam alguns troféus de aviação. Sentado em uma cadeira, com a cabeça na mesa, estava o capitão Boeing. Diante dele, um copo e algumas garrafas.

- Ânimo, C.B. Você tem visitas. – Disse Drake Mallard, tentando acordá-lo.

- D.W.... é você? Não se preocupe comigo. Eu... – Ele não conseguiu terminar a frase e adormeceu de novo.

- É triste, não é? – Disse Drake Mallard – Um dos melhores pilotos, um dos melhores patos que já conheci... nesse estado.

- O que aconteceu?

- Há algum tempo, ele aceitou uns serviços de risco. Só disse que o pagamento era bom e quando eu perguntava mais mudava de assunto. Depois, ele começou a se arrepender. Disse que não sabia se o que estava fazendo era certo. Que os seus patrões não se importavam com a segurança dele e dos passageiros. Era muito vago. Depois ele parou de fazer esses serviços, mas não se lembrava de mais nada do que aconteceu nesse tempo. Quando eu perguntava, ele dizia que sentia que faltava uma parte da sua memória. Muito estranho. Isso o perturbava. Como quase ninguém o estava contratando, ele começou a pensar nisso todas as horas. Aí começou a beber para parar de se preocupar com essas coisas e... o senhor já sabe.

- Eu sei bem até demais.

- Amanhã ele já deve estar bom... o senhor... o senhor ainda pensa em contratá-lo?

- Penso sim. Eu... eu não posso reprovar ele por estar assim e... e eu quero uma pessoa de confiança.

- Isso eu posso garantir que ele é.

Drake levou Patinhas até a porta.

- Amanhã eu virei visitar o C.B. com a minha família. Nós geralmente damos um passeio aos sábados e sempre o convidamos pra ir junto. Diga-me a hora que o senhor virá que eu faço as apresentações.

- Obrigado. – Patinhas já ia se retirar, mas voltou – Por que o senhor faz isso, sr. Mallard? Eu entendo que ele é seu amigo, mas poucas pessoas fariam o que o senhor está fazendo.

- Como eu não faria? – Perguntou Drake – O C.B. é um irmão pra mim, e... – Nessa parte ele respirou fundo – E já me ajudou muitas vezes com algumas bobagens que eu fiz.

Ele era como a dona Cotinha. Os dois se despediram e Patinhas seguiu para seu hotel.

No dia seguinte, Patinhas foi bem cedo para a casa do capitão Boeing. Depois de tocar a campainha, foi atendido pelo próprio.

- Bom dia, sr. Patinhas. Entre, entre. – Disse ele, timidamente.

- Bom dia, capitão Boeing.

Os dois entraram e sentaram-se à mesa. Por fim, o capitão não agüentou esperar mais:

- O Drake me avisou que o senhor quer me contratar. O senhor não imagina o favor que me faz. Vou fazer o possível pra merecer a confiança.

- Tudo bem, capitão Boeing. Eu não tenho dúvidas da sua capacidade. – Disse Patinhas, com sinceridade – Meu pai falava muito bem do senhor.

- Então eu estou contratado? – O capitão não conseguia acreditar – Muito obrigado, sr. Patinhas! Você ouviu isso, Drake?

Nesse momento, Drake Mallard apareceu, acompanhado de uma mulher exótica, maior do que ele e com um cabelo preto penteado de forma estranha, e de uma menina, mais ou menos da idade dos sobrinhos do Donald, de cabelo ruivo.

- Isso é ótimo, C.B.! Eu lhe disse que você ia arranjar um emprego, cedo ou tarde. – Disse Drake, com entusiasmo – Muito obrigado, sr. Patinhas!

Patinhas estava satisfeito. Ter proporcionado aquele entusiasmo lhe fizera bem. E ele tinha feito tão pouco.

- A propósito, eu não lhes apresentei. – Disse o sr. Mallard – Sr. Patinhas, esta é Morgana McCawber minha...

- Noiva. – Ela completou.

- É... minha... noiva. Esta aqui é minha filha Gosalyn.

- Muito prazer. – Disse Patinhas, educadamente.

Ficaram um tempo conversando à mesa, quando, por fim, Drake Mallard se levantou.

- Bem, agora que está tudo resolvido, vamos embora. – Disse ele à sua noiva e à sua filha - Bom dia, sr. Patinhas, e obrigado! Bom dia, C.B.

- Bom dia, D.W.! – Disse o capitão Boeing.

- D.W.? – Estranhou Patinhas.

- É... é um apelido de escola. Meu nome do meio é... Washington.

- Washington? – Patinhas achou ainda mais estranho.

Drake Mallard sacudiu a cabeça. Ele não tinha culpa, aquele era o único nome com “W” que ele se lembrara.

- Bem, bom dia, sr. Patinhas, C.B.! – E se encaminhou para seu carro.

Patinhas ficou observando-os. Drake Mallard podia ser um pouco estranho, mas era uma das melhores pessoas que ele conhecera. E ele tinha uma família. Patinhas, com todo o seu dinheiro, não se importaria de trocar de lugar com o sr. Mallard.

- Não se preocupe com o Drake – O capitão Boeing tentou corrigir o seu erro – Ele é meio esquisito, mas é um bom sujeito.

- Ele é mais rico do que eu. – Disse Patinhas, mais alto do que queria.

Em seu carro, Drake Mallard estava pensando no que as palavras de Patinhas Cintilante queriam dizer: “Eu sou mais rico do que ele?” Ele não conseguia entender. Mas... “Eu sou o terror que voa à noite! Eu sou o pato mais rico do mundo! Eu sou Darkwing Duck!” Isso não soava tão mal. Era melhor do que muitas coisas que ele já tinha dito. Depois começou a imaginar o que faria se tivesse tanto dinheiro quanto Patinhas. Ele não ia ficar preso naquela mansão e naquela caixa forte. Ele iria gastá-lo. Ficou imaginando as coisas que iria comprar, as pessoas que iria conhecer, até que teve uma ideia.

No fundo, ele sempre invejara a Família Real inglesa, e espanhola, e de Mônaco, e da Dinamarca. Era incrível como os repórteres estavam sempre atrás deles, como eles sempre apareciam na televisão! E isso sem que eles fizessem nada! “Deve haver algum país que ainda venda títulos de nobreza.” Isso lhe caía muito bem, ele tinha até um porte inegavelmente aristocrático. Só se espantava de nunca ter pensado nisso antes.

- Do que é que você está rindo, Dark? – Perguntou Morgana, tirando-o do seu sonho.

- Ah... eu estava pensando no que eu ia fazer se tivesse o dinheiro do Patinhas. Eu ia comprar um título de nobre. O que acha, Morgana, meu bem?

- Eu... Dark... – Ela não sabia o que falar. Nem sabia como ele tinha tido coragem de pensar em uma coisa dessas.

- Pois eu acho que lhe ficaria muito bem! – Disse Gosalyn categoricamente, no banco de trás.

- Obrigado, Gosalyn querida. Eu também acho! – Disse Drake Mallard, satisfeito, mas também espantado. Gosalyn era a última pessoa no mundo que ele esperaria que fizesse um elogio daqueles.

- Você até já tem um nome próprio pra isso! – Ela continuou – Conde Dracula da Transilvânia.

- Muito engraçado! – Ele já devia ter esperado por isso, pensou, enquanto Gosalyn e Morgana riam.

- Até tu, Morgana?

- Desculpe Dark, mas se você visse a cara que fez.

Ele riu também. Não havia outro jeito. Depois de um tempo, pensou: “Eu sou rico mesmo por ainda ter elas, mesmo depois de tudo que fiz. Eu sou rico mesmo”.

## **Preparativos para a viagem**

Donald e os sobrinhos encontraram Patinhas Cintilante no aeroporto de uma de suas empresas. Depois de ter pegado Peyrolles vigiando-o, ele queria sair o mais discretamente possível de Nova Patópolis.

- Que bom que vocês vieram! – Disse ele, com sinceridade.

- Vai ser um prazer viajar com você, tio, desculpe, primo – Eles disseram.

- É, mas você vai ter que nos pagar mais do que 30 centavos por hora. – Disse Donald.

- Eu não ia pagar 30 centavos por hora! Tinha pensado em dividir o tesouro com vocês.

- É diferente do pai mesmo! – Disse Donald.

Aquele comentário não agradou Patinhas. Ele não sabia se era um elogio ou uma ofensa. Donald também não sabia. Deixara escapar o comentário, sem saber o que queria dizer. Talvez os meninos tivessem razão. Talvez ele visse algum problema no primo. Talvez a perda de Karen o tivesse deixado amargo demais.

A chegada do capitão Boeing o tirou desses pensamentos.

- Capitão Boeing!! – Os meninos correram para cumprimentá-lo

- Há quanto tempo! – Disse o capitão, abraçando os meninos – Aposto que já se esqueceram de todas as aventuras que tivemos com seu tio.

- Nós nunca vamos esquecer delas! – Disse Zezinho e os outros confirmaram.

- Bom, bom... E você, Donald? Como vai?

- Bem, obrigado!

- Melhor do que eu, deve ter passado. Ainda não acredito que cheguei naquele ponto.

Donald não disse nada. Ele sabia o estado em que o capitão se encontrava e sabia a causa disso. Ele se sentia um pouco culpado por tudo aquilo, porque tinha sido ele quem o tinha chamado para a Agência. Naquela época, ele achava que eles tinham boas intenções. Agora, ele gostaria de nunca ter ouvido falar nela... Não, se não fosse pela Agência, ele não teria conhecido Karen... Ele não sabia o que pensar.

- E então, sr. Patinhas. Pra onde vamos? Quer visitar uma das suas empresas estrangeiras, só dar um passeio ou... – Ele não terminou a última frase.

- Nós vamos atrás de um tesouro, capitão! – Disseram os meninos – Como nos velhos tempos!

- YES! Já estava com medo de enferrujar. Que tesouro é esse, patrão?

- O tesouro de Spada, do "Conde de Monte Cristo". Conhece a história, capitão?

- Ah... não – Admitiu.

- É uma história de vingança, mas ao mesmo tempo de redenção, de justiça. – Disse Huguinho, com a didática que aprendera com os escoteiros – O marinheiro Edmond Dantès é incriminado como agente de Napoleão Bonaparte por dois invejosos, Danglars e Mondego. Ele é mandado para o Castelo de If, uma prisão, onde fica por vários anos. Lá ele conhece um outro prisioneiro, o abade Faria, que lhe conta sobre o tesouro do cardeal Spada, escondido na ilha de Monte Cristo. Quando o padre morre, Dantès consegue se esconder no saco onde os guardas colocaram o corpo e é jogado no mar, o destino dos prisioneiros mortos. Ele é salvo por um navio de contrabandistas e deixado na ilha de Monte Cristo. Ele acha o tesouro e decide fazer justiça. Ele então ajuda todos aqueles que tentaram auxiliá-lo quando ele foi preso e também aqueles que foram prejudicados por seus inimigos e se vinga destes. É um clássico da literatura.

- Vamos conversar depois, precisamos partir! – Disse Patinhas, apressado. Quanto antes saíssem, melhor.

Todos eles entraram no avião. O capitão Boeing estava satisfeito por ter encontrado um emprego e ainda mais com as pessoas que ele gostava. Isso o ajudaria a não pensar na sua “perda” da memória. “Bom sujeito, esse Patinhas Cintilante, não sabe o bem que me fez!”

Patinhas estava muito feliz por estar próximo de sua família. Mas estava um pouco apreensivo, ele sabia que eles o comparariam com o pai e queria passar uma imagem boa de si mesmo. “Farei o melhor que puder! Eles se orgulharão de mim! Ele, onde quer que estiver, se orgulhará de mim!”.

Os patinhos também estavam felizes por estarem viajando novamente, e com o primo. Há muito tempo que eles queriam conhecê-lo, saber como ele era de verdade. A ideia inicial que tinham do Tio Patinhas era muito diferente do que vieram a descobrir. Imaginavam o tio como um pão duro rabugento, interesseiro, sem qualquer sentimento. Ele até parecera ser assim a princípio, mas depois.... Depois descobriram o seu lado humano, a sua saudade dos pais e das irmãs, a sua sede de aventura (muito maior que a de dinheiro), o seu desejo de superação dos desafios e até o seu lado amoroso. Esse era um dos traços que ele mais tentava esconder e que eles mais se interessavam e, agora, estavam viajando com o “resultado” desse lado amoroso. Eles queriam, então, conhecer os outros traços do primo.

Donald... Donald estava pensativo. Tinha se arrependido de ser tão seco com o primo. Mas ainda era difícil aceitá-lo. Seus sobrinhos iam herdar uma das maiores fortunas do mundo e era isso que seu tio Patinhas queria. Ele sabia que eles não se importavam com o dinheiro, mas a consideração do seu tio por eles era o que importava. Ele só podia ser grato a ele por ter pensado nisso! Era algo que ele faria, de todo o coração, se tivesse aquele dinheiro. Então

chegou aquele sujeito, com sua mãe de profissão duvidosa e tirou tudo deles! Isso era difícil de aguentar!

Além disso, outra coisa perturbava Donald. A história de Edmond Dantès havia despertado nele um sentimento, uma ideia que ele não gostava de admitir. “Vingança”, “Justiça”...

Longe do aeroporto, uma pessoa falava no telefone:

- Sim, patrão. Eles já partiram. Pra França. Um sujeito chamado Jules Fèval. Parece que é sobre um tesouro. De um livro. Cardeal Spada. Hotel *Lagarde*. Floyd Barks. – Ele desligou, era Peyrolles.



**Nem tudo o que reluz...**

Localizada na África do Sul, a antiga República do Transvaal se estendia do rio Vaal até o rio Limpopo. Sendo uma província de influência holandesa, combateu os ingleses nas Guerras Bôeres, tendo sido vitoriosa na primeira, mas derrotada na segunda. Uma das coisas que torna essa antiga província tão peculiar é a presença de uma caixa forte às margens do Limpopo, semelhante àquela construída por Patinhas Mac Patinhas na antiga cidade de Patópolis.

Ao se entrar nessa caixa forte, observa-se diversos funcionários trabalhando, a maioria descontente com o emprego. De fato, além de o salário ser baixíssimo, a iluminação é insuficiente, as salas são quentes e o chefe tem péssimo humor. Alguém poderia imaginar que a sala deste fosse melhor, mas estaria enganado.

Com exceção de uma janela maior, para deixá-la mais arejada, não há nada nela que indique que seu dono é um dos patos mais ricos do mundo. É escura como as outras e as paredes são mal cuidadas, embora enfeitadas com quadros representando sacos de dinheiro e atividades lucrativas que, longe de indicarem uma riqueza gigantesca como a do magnata, põe em questão o seu gosto artístico. O mais estranho dessa sala é uma redoma, próxima à grande mesa que ocupa quase todo o espaço, contendo uma moeda. Próximo à mesa, repleta de papéis, está sentado um pato, de idade avançada.

“Patinhas maldito!”, ele pensa, “até mesmo depois de morto ele me supera”.

Sim, porque Patinhas havia arranjado um herdeiro. Mac Monei a princípio se deliciara ao saber que seu rival tinha um filho não reconhecido. “Mais um erro cometido por aquele miserável!”, mas depois de um tempo, passou a invejá-lo. Ele tinha alguém para cuidar da fortuna, alguém para aumentá-la, alguém para se lembrar dele e lamentar sua morte. Mac Monei não tinha nada disso.

Conforme ia pensando nisso, ele tinha cada vez mais ódio de Patinhas Cintilante. Transferira para ele todo o que sentia pelo pai, mas ainda havia mais. Ele simbolizava mais uma derrota, uma contra a qual talvez Mac Monei não pudesse fazer nada.

Ele decidira por fim vigiar seu novo rival e, sempre que possível, frustrar seus negócios. Não se importava nem com o lucro que pudesse ter, ele já era rico o suficiente e nenhum outro magnata, com exceção de Patinhas poderia superá-lo. Fora ele quem contara a Lionel Potter e a Patacôncio sobre o “ponto fraco” de Patinhas Cintilante, sua origem. Ele se deliciara ao ver aqueles jornais acusando-o de bêbado e descontrolado.

Como ele sabia essas coisas sobre o rival? Para vigiá-lo, encarregou um de seus melhores espões, que mais de uma vez havia descoberto negócios escusos entre magnatas e segredos comprometedores de outros. Desde o dia em que Patinhas empregou o

excelentíssimo sr. Peyrolles, com suas referências impecáveis e sua competência maravilhosa, Mac Monei passara a saber tudo sobre ele.

Agora ele decidira imitar o pai e partir numa caça ao tesouro. Era o cúmulo da prepotência daquele “bastardo”! O que mais irritava Mac Monei nesse caso era que ele não se sentia mais disposto, com energia para segui-lo e frustrar seus planos, como fizera várias vezes com o pai. Mas admitir derrota, isso ele nunca faria.

Inconformado, foi até a janela, talvez lá ele tivesse alguma ideia. Olhando para baixo, viu algumas crianças brincando. Se ao menos ele pudesse ter sido como elas!

### **Há 75 anos...**

- FLINT!!! – Quem gritara fora um pato de meia idade, alto, muito magro – FLINT!!!  
Moleque dos infernos, onde você se meteu?

- Estou aqui, sr. Murdstone respondeu um patinho, muito magro, esfarrapado, de aparência assustada.

- Onde se meteu, palerma? Aposto que esteve brincando com aqueles vagabundos!

- Estive na praça, como o senhor me mandou.

- NÃO DISCUTA! Quanto você ganhou hoje?

- Mui... muito pouco. Hoje poucas pessoas passaram. E as que passaram não quiseram me dar.

- MENTIRA! Você deve ter gastado com bobagens! É o que você sempre faz!

Tomou das mãos do menino as poucas moedas que ele estendera.

- Amanhã você vai mendigar da madrugada até a noite, ouviu? E se não conseguir mais que isso te arranco o couro. Agora suma, me deixe em paz! – Dizendo isso, pegou uma garrafa de cerveja e virou-a na boca.

Flintheart Gompold sofria com o sr. Basil Murdstone desde que se lembrava de alguma coisa. Sabia que mãe morrera no parto, nunca soube quem era o pai. Tinha sido acolhido pela irmã da mãe e seu marido. Este, um pato violento, amigo da bebida, do jogo e dos prazeres, detestara a chegada do sobrinho. “Mais uma boca para alimentar”, como dissera à esposa. Por causa disso, sempre que possível ele o maltratava, descontava sua raiva nele. A tia se opunha a isso, mas como temia o marido, só podia lamentar e consolar o patinho.

Desde muito cedo, o sr. Murdstone obrigara Flint a mendigar. Ele não entendia o porque disso, uma vez que o salário do tio deveria ser suficiente para a via modesta que levavam. O problema é que o tio destinava esse a outros fins. Apaixonado pelo jogo, ele

sempre afirmava que um dia enriqueceria. O problema era que, sempre que ganhava alguma coisa, ou gastava com prostitutas e bebidas mais “finas”, ou continuava apostando e perdia, voltando para casa revoltado e endividado. Ele descontava então no sobrinho e na esposa. A renda da família, portanto, era praticamente só o que Flint ganhava com a mendicância.

No dia seguinte, Flint acordara muito triste. Não queria mendigar no sábado, dia em que todos os outros meninos tinham folga. Se ele os visse, ficaria com inveja deles e, se eles o vissem, ririam dele. Mas temia a ira do tio e isso lhe deu forças para se levantar.

Foi à praça, sentou-se sob uma árvore e esperou. O dia transcorreu lentamente, parecendo uma tortura para ele. Poucas pessoas passaram por lá e poucas lhe deram algum dinheiro. Já o conheciam. O tempo passou, anoiteceu e Flint não agüentava mais ficar lá, mas tinha medo de voltar para casa. Repentinamente, ouviu um grande barulho. Gritos, passos apressados, tiros. Sem saber de onde tinha vindo, viu chegar um pato de aparência decadente, segurando um saco em uma mão e um revólver em outra. O braço onde levava o saco estava ferido.

O ladrão estava desesperado. Tentara assaltar a casa do prefeito da cidade, mas fora surpreendido e alvejado. A polícia estava atrás dele. Só escaparia se escondendo, mas o único esconderijo próximo era aquela árvore próxima do menino. Era talvez o esconderijo mais provável, mais suspeito, mas ela tinha muitos galhos e folhas que poderiam escondê-lo naquela noite escura e o menino poderia dizer a polícia que ele não estava lá. Além disso, ela era o único esconderijo disponível.

O criminoso se aproximou do menino e disse:

- Nem um pio, senão te mato. Diga a eles que eu fugi por aquela rua. — E subiu apressadamente na árvore.

Em pouco tempo chegaram dois policiais.

- Ele não pode ter desaparecido!

- Não, ele deve ter se escondido. Ei, menino! Não viu um bandido correndo por aí?

Flint nem sabia o que pensar. Tudo ocorrera tão rápido. O que fazer? Dizer a verdade? Era o certo, mas a ameaça falou mais alto:

- Ele... ele foi por aquela rua.

Um dos policiais xingou e depois disse:

- Ele deve estar mais forte do que aparenta. Vamos!

Os dois seguiram pela rua, deixando o patinho sozinho com o ladrão. Em seguida este desceu da árvore.

- Bom menino, aqui está uma recompensa pelo favor. – Disse o bandido, jogando-lhe uma moeda e voltando pelo mesmo caminho que viera.

Flint estava atônito. Não conseguia acreditar que aquilo acontecera. Sua consciência culpava-o, tinha medo que o bandido voltasse, que a polícia descobrisse, que, e esse era o pior de todos, seu tio descobrisse.

Não sabia quanto tempo ainda ficou sob a árvore, assustado. Por fim criou coragem e voltou para casa, pensando numa desculpa para dar ao tio. Nem teve tempo de dizer nada.

- ATÉ QUE ENFIM VOCÊ CHEGOU! QUEM LHE DEIXOU FICAR FORA ATÉ TÃO TARDE?

Ele tentou explicar que fora o tio quem o mandara, mas não teve chance.

- NÃO INTERESSA! VAMOS, PASSE O DINHEIRO – E, vendo como ele tinha pouco, explodiu – SÓ ISSO? O QUE VOCÊ FEZ COM O RESTO?

- É... é só isso...

-MENTIRA! VOCÊ ESTÁ MENTINDO, COMO TODO MUNDO DESSA SUA RAÇA MALDITA, COMO TODOS ESSES MALDITOS HOLANDESES! - E deu um tapa em Flint. E outro. E outro...

Flint estava em sua cama, chorando. Estava com medo, o corpo doía, ele não sabia o que tinha feito para ter uma vida como aquela. De repente, sentiu algo em seu bolso. Quando pegou, viu que era a moeda que o ladrão lhe dera. Ele nunca tinha segurado uma moeda por tanto tempo. Ela era bonita, nunca tinha pensado que uma moeda poderia ser tão bonita. Depois lembrou-se do ladrão. Ele podia correr perigo, até ser ferido, capturado, morto, mas sua vida devia ser melhor que a sua. E ele tinha dinheiro. Aquele dinheiro tão bonito...

### **Há 60 anos...**

O tempo passou. O sr. Basil Murdstone morrera, após ser descoberto trapaceando no jogo por um homem mais violento que os demais. A pobre sra. Murdstone em breve o acompanhou. Tinha tentado de todas as formas encontrar ânimo para continuar, para criar o sobrinho, mas uma febre poucos anos depois não a deixou seguir com seus planos. Já Flintheart Gompgold, estava completamente mudado. O patinho magro e assustado dera lugar a um rapaz forte, bonito e... mal visto pelas pessoas.

Contrariando tudo o que se poderia imaginar, o Flint adulto se assemelhava muito ao tio no comportamento. Nunca saía dos bares, se associava com as pessoas da pior índole, se relacionava com prostitutas frequentemente. A única coisa que não fazia era jogar. Talvez a

lembrança do fim do tio o impedisse de fazer isso. Porém, essa recusa de jogar, que muitos poderiam considerar louvável, tinha para Flint o efeito oposto. Afinal de contas, se ele não trabalhava e nem jogava, como poderia estar sempre com dinheiro?

Um dia, Flint encontraria uma pessoa que mudaria sua vida, que ele tentaria de todas as formas superar. E essa pessoa salvara sua vida.

Flint havia sido pego tentando roubar diamantes em uma escavação. Os trabalhadores já estavam cansados dele e de seus roubos e, por isso, decidiram se livrar dele de uma vez por todas. Eles o amarraram em um búfalo d'água e o fizeram correr. Teria sido o fim de Flint se um jovem escocês não o tivesse salvo.

Ao ser perguntado sobre por que levava tanta bagagem em sua carroça, o jovem escocês lhe disse que ia para Johannesburgo procurar ouro. Também disse que sua bagagem valia muito dinheiro. Isso era muito tentador para Flint.

Ele se ofereceu como guia e, quando o escocês adormeceu, fugiu com suas posses. Em Johannesburgo, Flint fazia vários planos sobre como gastaria o dinheiro, planos que, infelizmente, não se concretizaram. O escocês o encontrou. E o humilhou.

Na cadeia, Flint tomara uma decisão que mudaria sua vida para sempre. Ele não iria mais gastar o dinheiro com frivolidades, ele iria se tornar rico, mais rico do que aquele escocês miserável pudesse sonhar.

#### **Há 40 anos...**

- Sr. Glomgold, a sua proposta é, em si, muito boa. Só não entendo por que quer aquelas terras estêreis. – Disse o señor Ignacio Torres, rico fazendeiro mexicano. – Mas não conversemos de negócios agora, é o aniversário de minha filha, divirta-se.

- Como quiser, señor Torres. Obrigado... – Disse Flintheart Glomgold, sem muita animação. Os negócios lhe interessavam mais do que aquela festa estúpida.

Há muito tempo queria comprar algumas das terras de Ignacio Torres. De acordo com o que tinha pesquisado, havia uma grande quantidade de ouro nelas e o fazendeiro desconhecia isso.

Por causa disso, ele tinha passado todos os dias anteriores se aproximando do señor Torres, com a esperança de ser convidado para o aniversário da filha. Ele sabia que nessa ocasião o fazendeiro estaria mais aberto às suas propostas.

- Señor Glomgold! – Quem o havia chamado fora a esposa de Ignacio Torres, señora Luísa Torres.

Ele atendeu prontamente. Queria ser o mais amável possível com a família.

- Em que posso ajudá-la, señora?

- Señor Glomgold, quero que conheça o señor Errol Blood. Ele também é da África do Sul.

Flint empalideceu. Conhecia muito bem a família Blood. Eles eram um dos que mais lhe davam esmolas. Mas não era possível que aquele rapaz (que ele não conhecia) soubesse disso. Não era possível. Ele não queria que fosse.

- Muito prazer, sr. Glomgold. É muito bom encontrar um compatriota, tão longe de casa.

- O prazer é meu, sr. Blood. – Disse Flint, desejando estar o mais longe dali possível.

- Não é fantástico? Que grande coincidência! – Disse a señora Torres, animada.

- Realmente. – Disse Flint, sem nenhuma animação.

Eles conversaram por um tempo, sem que nenhuma alusão à infância de Flint fosse feita. Ele já estava esperando que a conversa terminasse sem que se tocasse nesse assunto. “É até o mais lógico”, ele tentava se convencer, “esse rapaz idiota não devia nem ter nascido naquela época”.

Infelizmente, ele não teve esta sorte.

- Ora, isso sim é uma coincidência! – Disse Errol Blood.

- O que é, señor Blood? – Perguntou a señora Torres.

- Nada muito importante. Lembrei que meu pai me falou algumas vezes de um mendigozinho da nossa cidade, de quem ele tinha muita pena. Se eu não me engano o nome dele era alguma coisa Glomgold. O senhor sabe alguma coisa disso, sr. Glomgold?

O chão parecia ter sumido para Flint. Ele empalideceu. O que ia falar? Não podia admitir que era o “mendigozinho”.

- O mendigo a quem o senhor se refere... morreu há 35 anos. – Disse ele, disfarçando a raiva que sentia.

- Oh, eu lamento.

- Não é necessário. Ele não um parente muito próximo. Agora se me dá licença señora, preciso falar com seu marido. Buenas noches, señora. Boa noite, senhor.

Ele se afastou, ainda pálido. Como alguém podia ter feito referência ao seu passado? Por que alguém tinha feito isso? E a señora? Ela teria desconfiado de alguma coisa? Mesmo que não desconfiasse, ela podia associar a sua imagem ao mendigo. Outras pessoas podiam fazer o mesmo. Isso podia atrapalhar seus negócios. Isso iria atrapalhar seus negócios.

Ele precisava evitar isso a todo custo. Precisava de um novo nome de qualquer forma. Mas que nome? Ele analisou mentalmente todos os nomes e sobrenomes que conhecia. Nenhum lhe dizia nada, nenhum o agradava. Mas ele precisava de um.

Lembrou então daquele escocês maldito. Ele tinha um nome mais adequado a um pato de posição, Patinhas Mac Patinhas. O sobrenome era antigo, talvez fosse até medieval. Isso conferia a ele uma certa posição social, uma distinção. Era de um nome assim que ele precisava.

Como seria este nome? Ele queria que ele indicasse riqueza. Riqueza... Dinheiro... Dinheiro... Money...

Tinha encontrado um nome: Mac Monei. Agora ele se sentia um novo homem, que já nascera rico. Nunca mais seria confundido com mendigos.

Pouco tempo depois disso, se sentindo incrivelmente confiante com seu novo nome, ele propôs ao senhor Torres que continuassem os negócios. Tudo correu bem e, no final, ele tinha conseguido terras cheias de ouro por um preço minúsculo.

O nascimento de Mac Monei estava coroado de êxitos.

### **Há 35 anos...**

A fortuna de Mac Monei parecia crescer a cada segundo. Muitos acreditavam que, com o tempo, ele seria o pato mais rico do mundo. Isso era, geralmente, atribuído à sua grande capacidade de fazer negócios vantajosos. Ele mesmo era um dos que mais contribuía para esse boato. No fundo, porém, sabia que esse não era o único motivo.

- Lamento, sr. Mac Monei. Não posso permitir que faça escavações aqui. – Quem disse isso foi o sr. James P. Oil, prefeito de Lukesville, Pensilvânia.

- Isso é muito triste. – Disse Mac Monei, com uma certa ironia – Eu tenho certeza de que há petróleo aqui. E eu preciso muito de escavar esses poços. Não há nada que eu possa fazer para convencê-lo?

- Sinto muito. Não é uma questão de dinheiro.

Os olhos de Mac Monei brilharam.

- Está bem. A quantia que eu tinha era mesmo pouca. A sra. Wardle também achou.

O sr. Oil empalideceu ao ouvir isso.

- A... a sra. Wardle?

- Sim. Eu pensei que talvez ela pudesse convencer o senhor. Vocês pareceram muito animados naquele domingo.



- Você... você não tem provas disso!

- Não? Bem, eu acho que tenho. De qualquer forma, isso não importa pra mim. O senhor pode pensar o que quiser. Como não tenho mais nada a fazer aqui, bom dia. – E fez menção de se levantar.

- E-e-espere... – gaguejou o prefeito.

Mac Monei sorriu. Havia ganhado a partida.

### **Há 48 meses...**

Mac Monei, antigo Flintheart Gomgold, tinha tudo para estar satisfeito. Quem poderia pensar que um patinho miserável pudesse ter se tornado um dos patos mais ricos do mundo? Nem mesmo quem o conhecesse poderia reconhecer nele o patinho de antigamente. Ele até fizera questão de mudar de nome oficialmente, porque tinha associado o antigo à pobreza.

Mas apesar disso ele não estava. Reconhecera num jornal o maldito escocês que o salvara. Ele era chamado de o pato mais rico do mundo. E, mais que isso, em uma das poucas entrevistas que concedera, afirmara que tinha enriquecido honestamente.

Essa entrevista perturbava Mac Monei. Para evitar arrependimentos, ele se convencera de que não era possível enriquecer de forma honesta, que para se chegar na sua posição, era preciso ter enganado algumas pessoas, chantageado outras, comprado outras, ameaçado outras. E então apareceu aquele pato, que tanto tinha lhe causado humilhação, e que tinha enriquecido tanto quanto ele, talvez mais do que ele, sem fazer nada disso. Isso destruía os argumentos de Mac Monei para a sua consciência e a lembrança dos seus crimes, o arrependimento, a vergonha, vinham à sua mente com toda a força.

Uma vez ele decidiu pesquisar a vida do seu inimigo. Não era possível que ele tivesse sido sempre honesto. Ele descobriu algumas coisas. Pelo que parecia, Patinhas tinha enganado alguns nativos na África, comprando suas terras por (isso seria verdade?) uma moeda, e, em outro caso, queimado uma aldeia que ele desejava comprar. A princípio isso agradou a Mac Monei. “Então até Patinhas cometeu crimes... só se enriquece dessa forma”. Esse pensamento o descansou por um tempo, mas depois a consciência voltou a atormentá-lo. Patinhas tinha feito coisas erradas realmente, mas ao contrário dele, não tinha continuado. Tinha errado e tinha tido coragem para sair do erro. Mac Monei ainda continuava nele.

Não agüentando mais, ele decidiu desafiar Patinhas para provar que era mais rico. Patinhas ganhou. Tentou novamente e novamente perdeu. Daí em diante, tudo o que passou a importar para ele era superar Patinhas, não importava no que fosse.

Algumas pessoas pensaram que ele fazia isso para aparecer, para ficar importante. Não, isso era coisa para ricos mimados como Patacôncio. Ele não queria provar nada a ninguém, nem mesmo a Patinhas. Queria provar apenas à sua consciência.

**O sr. Fèval**

- De acordo com o Manual do Escoteiro, o tesouro de Monte Cristo é real mesmo. Os cardeais Spada e Rospigliosi existiram mesmo. – Disse Luisinho.

- Se esse prodígio fala, então não precisamos nem procurar o tal *monsieur Fèval*, Fèval ou qualquer que seja o nome. Ele deve falar também onde o tesouro está escondido. – Disse Donald, com ironia.

-Francamente, tio! – Protestaram Zezinho e Huguinho – Lembra quantas vezes o manual nos salvou?

Donald resmungou e Patinhas Cintilante riu. Ele conhecia o famoso manual pelos relatos do seu pai e sabia da opinião de Donald sobre ele. Mesmo não entendendo como um livro tão pequeno pudesse conter tanta coisa (essa também era uma das dúvidas do seu pai), ele confiava nele.

Patinhas Cintilante e seus companheiros desceram do avião no aeroporto de Paris. Como a cidade era bela! Diferente de Nova Patópolis, até mesmo da “velha” Patópolis, mas era esse o seu charme. A arquitetura moderna de Nova Patópolis era agora contrastada com construções antigas. A cidade não era melhor nem pior que a dos patos, era diferente, e isso é o que importava.

O grupo tomou um táxi e seguiu para a residência do sr. Jules Fèval. Era uma casa pequena, em estilo neoclássico com as paredes quase totalmente cobertas com hera. Um pequeno jardim florido completava o cenário. Patinhas bateu à porta (não se via uma campainha e, não havia como negar, isso combinava com o estilo da casa). Em pouco tempo a porta foi aberta:

- *Monsieur Patinhas?*

- *Oui, monsieur Fèval.* Estes é meu primo Donald e seus sobrinhos Hugo, José e Luís e este é o meu piloto, o capitão Boeing.

- Prazerr, *messieurs.* Entrem.

O sr. Jules Fèval era um pato mais velho, magro, parecido com o professor Ludovico, embora com cabelos encaracolados e barba. Vestia um casaco azul, muito elegante. Era o perfeito intelectual.

Já o interior da casa não combinava muito com o dono. Viam-se diversas espadas enfeitando as paredes e vários troféus de esgrima espalhados pelos móveis. Havia uma prateleira contendo muitos livros, a sua maioria de aventura e romances históricos. Lá se encontravam os principais autores desse gênero: Alexandre Dumas Père, Júlio Verne, Sir Walter Scott, Robert Louis Stevenson, Johnston McCulley, Paul Fèval, Ponson du Terrail,

Michel Zévaco, Rafael Sabatini, Emilio Salgari, Samuel Shellabarger, a baronesa Emma Orczy, Karl May, Anthony Hope...

- Agora, que posso fazerr pelo senhorr, *monsieur* Patinhas? – Ele perguntou depois de terem sentado em uma poltrona.

- Como eu já havia dito, eu soube que o senhor é uma das maiores autoridades em Dumas. – O francês deu um rápido sorriso – Queria saber se algumas das histórias dele foram baseadas em... coisas reais?

- Curioso. Que histórias? Ele escreveu várias. – O sr. Fèval perguntou, com uma expressão desconfiada.

- O Conde de Monte Cristo.

- Interessante. – Sua expressão ficou mais desconfiada ainda – Algum ponto da história em parricularr?

- Eu... eu li que o tesouro do cardeal Spada foi inspirado numa história real. Isso... isso é verdade?

- Muito curioso, muito mesmo.

- Desculpe, mas por que isso é curioso? – Os patinhos perguntaram.

- Bem, porque eu rrecebi um telefonema há pouco tempo. Também querriam saberr se o tesourro erra verrdadeirro.

- O que? Alguém telefonou pra você perguntando isso? – Os meninos perguntaram e ele confirmou com a cabeça – E o que você respondeu?

- Bem, eu... eu não gostei muito do jeito como ele perrguntou, parecia mais uma orrdem. Então dei uma rresposta vaga, falei que quase todos os livrrros eram insperrados, uns mais outtros menos, em fatos rreais. Não quis darr muita converrsa.

- E aí?

- Ele insistiu, disse que erra fã do autorr (mas não parecia se lembrarr nem do nome dele) e querria saberr tudo sobre o livrrro porque estava escrevendo uma monogrrafia sobre o assunto. Falou isso de um jeito muito vago. Depois perrguntou se eu podia rrecebê-lo. Eu não gostei da ideia, mas aceitei assim mesmo. Ele marrcou de virr ainda hoje.

- E ele falou o nome?

- Falou. Erra um nome estrangeirro, escocês, acho. Mac Monei.

Donald, os meninos e o capitão Boeing se entreolharam. Mac Monei de novo! Aquela caça ao tesouro estava muito parecida com as do Tio Patinhas. Até Patinhas Cintilante se assustou. Ele tinha lido sobre a rivalidade dos dois magnatas e sobre como Mac Monei muitas

vezes atrapalhara as viagens do pai. Mas ele não esperava que ele estivesse envolvido nessa. Depois um nome lhe veio à mente...

Ficaram em silêncio.

- Está bem, está bem. Mas e o tesouro, monsieur Fèval? Ele é, era verdadeiro? – Patinhas perguntou.

- Vocês me parecem interessados nisso por um motivo melhor que o outro, apesar de eu não saber que motivo é esse. Eu vou lhes contar o que sei: eu e outros estudiosos de Dumas encontramos em algumas cartas dele para os amigos umas referências a um engenheiro italiano, chamado Edmondo Algeri. Esse nome lembra um pouco Edmond Dantès. A princípio achamos que era só um nome engraçado, que tinha agradado o nosso escritor preferido. Depois de pesquisarmos mais um pouco, descobrimos uma coisa curiosa: esse Edmondo Algeri tinha sido contratado por dois padres, Spada e Rospigliosi, os mesmos nomes do livro. Ambos tinham morrido pouco depois de virarem cardeais, na época dos Bórgia. Além disso, os dois tinham grandes fortunas, e essas fortunas desapareceram depois da morte deles. Aí eu concluí que o livro deve ter sido inspirado nessa história.

Os olhos de Patinhas Cintilante brilharam. Essa história fazia sentido.

- E... o senhor não descobriu mais nada?

- Não, eu até me interessava pelo assunto. Mas isso que eu descobri foi com muito esforço. Depois, não achei mais nada e acabei desistindo.

- E não tem nenhum lugar em que, pelo menos, possa ter alguma coisa sobre isso? Quer dizer, se ainda tiverem informações sobre esse assunto, existe algum lugar em que a gente pode achá-las? – Perguntou Zezinho.

- Bem, as cartas em que eu descobri isso foram encontradas na casa dele, no *Chateau de Monte-Cristo*. Eu não acho que tenha mais nada lá, já que ele foi quase todo reformado. Mas, de todo jeito, vocês parecem gostar de mistérios.

Era um lugar para se explorar. Os cinco agradeceram a atenção ao sr. Fèval e saíram. Infelizmente, o *chateau* só abria aos domingos e por isso tiveram de voltar para o hotel. Esta espera os preocupava.

O hotel *Lagardère* não era muito grande, nem muito luxuoso, embora se pudesse perceber alguns sinais de um passado mais glorioso. A arquitetura era em estilo Rococó, o saguão era espaçoso, apesar do espaço limitado, haviam algumas réplicas de quadros famosos nas paredes, que também tinham enfeites em alto relevo. Tudo indicava que tinha sido um hotel de importância no passado, mas com o tempo tinha perdido os clientes.

- *Bonsoir, monsieur Goscinny*. A chave, por favor.

- Ah, *monsieur Barks*. Aqui, aqui. *Bonsoir, monsieur*.

- *Merci. Bonsoir, monsieur Goscinny, monsieur Uderzo, monsieur Morris*.

Quando entraram no quarto (Patinhas tinha alugado dois quartos, conjugados, de modo que eles ficassem o mais próximo possível. Além disso, era mais barato dessa forma.), Patinhas perguntou aos outros:

- Esse Mac Monei... vocês acham que ele nós vamos ter problemas com ele?

- Provavelmente. – Disseram os meninos – Ele sempre atrapalhou as caças ao tesouro do seu pai. Nós lembramos bem disso.

- Mas por que ele faz isso? Só pelo lucro? E por que disputar comigo? Como que ele soube que eu estava atrás desse tesouro?

- Ele deve ter te espionado. É meio difícil vocês terem tido a mesma ideia, ao mesmo tempo.

- Eu já tinha suspeitado de uma coisa assim, mas não pensei que eu interessasse tanto ao Mac Monei. Ou a qualquer outra pessoa.

- Ele tinha muita raiva do seu pai, pode ter transferido um pouco pra você.

- Só um momento, o motivo do Mac Monei não é importante agora. – Disse Donald, preocupado. – Quer dizer que você suspeitava que alguém estava espionando essa viagem e não nos disse nada?

- Eu só tinha suspeitas. Meu mordomo escutou a minha conversa com o sr. Fèval, pelo telefone.

- E por que não nos disse nada? – A preocupação de Donald estava se transformando em raiva pela leviandade do primo.

- Eu não achei que fosse importante.

- Quer dizer que a nossa segurança não é importante. Pelo menos não é mais que o lucro.

- Não é isso. Não é o lucro...

- É o quê, então?

Patinhas não respondeu. Não tinha avisado por medo de eles desistirem. A companhia deles era o objetivo principal da viagem, mas talvez ele tivesse sido leviano mesmo. Não tinha justificativa colocá-los em perigo por causa de suas carências. O pior era que agora parecia que ele se importava mais com o tesouro do que com eles, quando era o contrário. Se ao menos ele tivesse coragem de dizer isso para eles.

- Não vamos discutir. – Disse Huguinho – Tio Donald, o primo só tem suspeitas. Além disso, nós já passamos por situações piores.

Patinhas ficou grato pela intervenção, não tinha gostado do ponto em que a discussão chegou. Ao contrário, Donald queria que ela continuasse. Queria saber mais sobre esse mordomo. O tempo na Agência tinha lhe ensinado a desconfiar de comportamentos assim. Tinha lhe ensinado dolorosamente. E ali estavam ele de novo correndo perigo, com seus sobrinhos por perto. Se acontecesse alguma coisa com eles por culpa do primo...



## *Le Chateau de Monte-Cristo*

O *Chateau de Monte-Cristo*, ou Castelo de Monte-Cristo, foi construído por Alexandre Dumas em 1844. Localizado em Port-Marly, ele corresponde a um castelo renascentista, onde o autor morava, um castelo gótico completo (até com um fosso em miniatura), onde ele escrevia, e um parque fabuloso, repleto de árvores, cavernas, rochas e cachoeiras artificiais.

Infelizmente, o escritor foi forçado a vendê-lo por causa de dívidas em 1851. Desde então, ele teve vários donos e foi decaindo gradativamente. Em 1970, dois grupos, o *Syndicat intercommunal de Monte-Cristo* e a *Société des Amis d'Alexandre Dumas* trabalharam para impedir sua demolição e reconstruí-lo.

Naquele domingo, era para lá que Patinhas Cintilante e seus companheiros se dirigiam. Depois de pagarem a entrada e escolherem uma visita sem guia (era melhor para suas investigações), eles entraram na propriedade.

- Lindo! – Disseram os meninos ao verem o jardim, amantes da natureza como eram. - Primo, será que nós podemos dar uma volta por aqui? A gente vai ver se o Mac Monei chegar. É só porque aqui é tão bonito.

Patinhas Cintilante não apreciava aquela perda de tempo, mas não queria iniciar mais discussões. Ele também estava admirado com a beleza do local, nem ele com todo o seu dinheiro tinha uma casa como aquela. Era um lugar perfeito para passear com a família, pena que a relação deles não estava tão boa.

O capitão Boeing, que passara tanto tempo na escura e fria St. Canard, se sentia revigorado naquele ambiente. Os meninos ficavam observando as árvores e os animais, sem dúvida classificando-os com o que aprenderam com os escoteiros. Donald nunca tinha se importado muito com a natureza, mas estava admirado assim mesmo. Ele talvez esquecesse suas preocupações caminhando entre as árvores. Entretanto, depois pensou em algo triste: aquele lugar era ideal para passear com Karen...

- Vamos continuar nossas investigações! – Patinhas gritou depois de um tempo, parecendo muito com o pai nessa hora.

Eles entraram no castelo principal. A primeira coisa que chamava a atenção lá dentro era o salão mouro, decorado com esculturas e arabescos, uma das principais atrações do local.

Por mais bonito que fosse o lugar, não parecia que encontrariam qualquer registro de Dumas lá. Era claro que ele tinha sido todo reformado e que, se esses registros estivessem lá (se é que eles existiam), eles já teriam sido descobertos.

O local de trabalho do autor, o “Castelo de If”, parecia mais próprio para o que eles estavam procurando. Lá estava a mesa na qual o autor trabalhava, completa até com uma

caneta em um tinteiro. Ainda assim, não parecia haver muitas chances de encontrarem qualquer referência a Edmondo Algeri. Patinhas começava a desanimar.

- Não se preocupe, primo. Já achamos pistas mais difíceis do que essa. – Disseram os meninos.

- Lembra daquela vez que a gente foi atrás da Pedra Filosofal? Primeiro nós fomos pra Alemanha, depois pra Roma, depois pra Sicília, depois pra Damasco, depois pra Bagdá e depois pra Creta. E ainda acabamos dentro do labirinto! – Disse Huguinho.

- É! E aquela vez que procuramos o tesouro de Sir Quackius, no castelo do tio, na Escócia? – Lembrou Zezinho.

- E quando procuramos o “Holandês Voador” com ele? – Lembrou Luisinho.

- E teve aquela do Vale do Sol Dourado, que eu participei. – Disse o capitão Boeing, com orgulho.

- Também teve aquela vez... que ele me mandou investigar aqueles naufrágios que estavam acontecendo com os navios de ouro dele, que eram coisa dos Metralhas. – Foi Donald quem disse dessa vez.

- Obrigado! Vocês são muito importantes pra mim. – Patinhas Cintilante deixou escapar.

Ele sabia que eles estavam tentando animá-lo. Como eles eram importantes para ele! Mesmo que não achassem o tesouro, ele estaria satisfeito só de eles estarem com ele. Ele só queria ter participado de uma dessas viagens com o pai.

Eles vasculharam o castelo todo, mas não havia nada. Luisinho então decidiu pesquisar no “Manual do Escoteiro” se havia algum lugar que ainda não fora reformado.

- Os estábulos! – Disse ele, por fim.

- Não deve ter nada sobre isso lá! – Disse Donald.

- Não custa nada olhar. Só de curiosidade. – Disse Zezinho.

Foi a melhor coisa que eles poderiam ter feito. Aparentemente não tinha nada de anormal nos estábulos, como era de se esperar. Mas os meninos repararam que uma parte de uma das paredes (que já não estavam em um estado muito bom) parecia mais frágil. Não tinha nada de muito diferente a princípio, mas ainda assim era estranho que aquele pequeno pedaço tivesse se deteriorado muito mais do que o resto.

Cutucando essa parte, eles descobriram que ela era oca. Não é preciso dizer como Patinhas ficou animado ao descobrir isso. Com cuidado, eles removeram a fina camada que tampava o local e descobriram um fundo. Lá dentro estava um baú, contendo diversas anotações.

Algumas estavam em francês e outras em italiano. Essas últimas pareciam ter sido copiadas de livros de registro. A letra era de Alexandre Dumas e liam-se os nomes Edmondo Algeri, Bórgia, Spada e Rospigliosi em diversos lugares.

Por fim, havia também um texto em latim. Patinhas imaginou que tinha sido escrito pelo próprio Edmondo Algeri, contando onde tinha escondido as fortunas. O grupo decidiu voltar para o hotel. Seria muito suspeito se eles continuassem na área por mais tempo, depois de terem visitado tudo. Tamparam o buraco na parede e deixaram o castelo. Patinhas prometeu a si mesmo que depois iria financiar o resto da reforma do *chateau*.

Todos estavam em silêncio quando entraram no carro. Patinhas estava muito satisfeito com os progressos do dia, e mais ainda com a presença ativa e interessada da sua família. Até Donald tinha tentado animá-lo, mesmo depois da discussão. Ele acreditava que eles poderiam ser bons amigos, quando se entendessem.

Os meninos também estavam muito satisfeitos. Era interessante viajar com o primo. Eles percebiam que ele fazia de tudo para parecer com a imagem que tinha do pai, mas sentiam que por dentro ele era diferente. Ele tinha até pensado em dividir o tesouro com eles! O pai dele, por mais que gostasse deles, não faria isso. E ele tinha falado que eles eram importantes para ele. Eles estavam dispostos a merecer a consideração dele. Só queriam que ele e o tio se dessem melhor.

O capitão Boeing era o que menos refletia sobre isso. Estava gostando do emprego, que o impedia de pensar nos seus problemas, e já gostava de Patinhas Cintilante, que o tinha contratado mesmo sabendo de seus problemas. Ele não sabia se o pai faria isso.

Donald era o mais pensativo deles. Tinha tentado ser mais amável com o primo e ficou espantado com a resposta emocionada dele. Talvez ele devesse ter lhe dado uma chance antes. Mas a lembrança dele tirando a herança dos sobrinhos ainda era forte. E a falta de preocupação dele com o perigo também o desagradava. Se eles tivessem se conhecido antes, se os advogados soubessem da sua existência antes de ler o testamento, talvez tudo fosse diferente. Ele também se sentia mal por pensar essas coisas do primo. Os meninos, que eram os que deviam ficar mais revoltados, pareciam gostar dele. Isso deixava Donald um pouco envergonhado e aumentava o seu conflito.

Quando chegaram ao quarto, a primeira coisa que Patinhas disse foi:

- Agora vamos traduzir essas folhas. Tenho certeza que falam do tesouro.

- É mesmo? Que interessante – Disse uma voz irônica, vinda do outro quarto.

Todos se entreolharam preocupados e viram surgir Mac Monei e três comparsas.

- O que é isso? Não me reconhecem? *Should an auld acquaintance be forgot?\**

\*Literalmente: “Deve um velho conhecido ser esquecido?” Trecho da canção escocesa *For auld lang syne*, tocada nas vésperas do Ano Novo nos países anglófonos.

## Um velho conhecido

- Quem é você? O que está fazendo aqui? – Patinhas Cintilante perguntou, temendo a resposta.

- Ora, eu sabia que seus parentes eram mal educados, mas eu esperava que eles ao menos nos apresentassem. Afinal de contas, eu sou um velho amigo da família. – Respondeu Mac Monei e, virando-se para Donald e os meninos – Vamos, digam!

Ameaçados pelas pistolas dos cúmplices do magnata, eles tiveram que aquiescer.

- Primo, esse é o... Mac Monei – Disse Donald.

Mac Monei! Primeiro ele tinha tentado falar sobre o tesouro com Jules Fèval, agora aparecia no hotel em que eles estavam. Como ele sabia disso tudo? Só havia uma resposta.

- E... o que... o que você quer, Mac Monei? – Perguntou Patinhas, já sabendo a resposta.

- Nada muito complicado. Só o tesouro do cardeal Spada. Ou o mapa para onde ele está escondido. – Mac Monei disse isso com os olhos fixos nos papéis na mão de Patinhas.

Era o cúmulo. Patinhas Cintilante tinha finalmente achado as poucas pistas que restavam para o tesouro. Com isso conseguiria a admiração da sua família. E agora corria o risco de perder tudo isso. Seu pai não aceitaría coisa semelhante. Mas seu pai também sabia como lutar, tinha vivido em meio a desafios e perigos, enfrentado criminosos várias vezes. Patinhas Cintilante nunca tinha feito nada disso. Mas sua família estava com ele, estava esperando que ele fizesse alguma coisa. Ele não queria ser um covarde na frente deles.

Donald estava em um terrível conflito. Graças ao treinamento da Agência, ele se sentia em condições de enfrentar Mac Monei e seus comparsas. Mas seus sobrinhos estavam lá. Ele tinha medo que eles fossem feridos na luta, que uma das pistolas disparasse... Ele não conseguia pensar nisso. A imagem de Ka K baleada agora não saía de sua mente.

- Esse aí está com tanto medo que tá até suando frio! – Um dos cúmplices comentou, rindo.

Donald se sentiu inundado pela raiva. Pobre daquele sujeito se soubesse com quem estava lidando. Mas o medo pelos sobrinhos o conteve. Também, e pensar nisso perturbava sua consciência, não sabia se o primo valia esse esforço.

- Os papéis, por favor – Mac Monei estendeu a mão.

Patinhas fez menção de lhe entregar. O que ele fez em seguida foi mais baseado no instinto do que em um plano preestabelecido. Quando os registros estavam próximos da mão de Mac Monei, ele os jogou no chão. Mac Monei se distraiu um segundo com isso e Patinhas desferiu um soco em seu bico.

Isso tirou Donald da sua inércia. Sem que eles esperassem, desarmou um dos comparsas do magnata e o atirou ao chão com um golpe. O capitão Boeing também atacou um dos outros. O último, assustado, mirou no primeiro alvo que viu, os meninos. Percebendo isso, Donald gritou:

- ELES NÃO, CANALHA!

E antes que o criminoso entendesse, antes que os meninos entendessem, antes que ele mesmo se desse conta do que fazia, já o havia dominado e estava com o braço em seu pescoço, quase quebrando-o.

- Tio! Para! – Eles gritaram, com medo que ele o matasse.

Só então Donald percebeu o que estava fazendo. Soltou o inimigo, sem coragem de olhar para os sobrinhos.

- Desculpem. Eu... Eu não sou assim. Eu não queria...

Tudo isso era culpa do primo e de sua paixão pelo dinheiro. Se ele não tivesse reagido, se o dinheiro não falasse tão alto, se ele se importasse com eles, isso não teria acontecido. Seus sobrinhos quase foram feridos, ele quase matou um homem na frente deles. Tudo culpa do primo. Esses pensamentos se alternavam na cabeça de Donald.

- Vamos, não é seguro ficar aqui. – Alertou Patinhas, depois de recolher os papéis do chão.

Donald quis contestar. Depois de tudo isso que ele tinha feito, agora falava de segurança. Queria fazê-lo entender a gravidade do que tinha feito. Mas o capitão Boeing e os patinhos já haviam saído do quarto com o primo.

Sairam apressadamente do hotel, sem se importar com os olhares curiosos dos funcionários e dos hóspedes, que tinham ouvido o barulho da luta.

- *Messieurs*, a chave? – Monsieur Goscinnny pediu timidamente, mas eles já estavam longe.

Ele balançou a cabeça.

- Esses americanos são loucos. – Disse monsieur Uderzo, exprimindo em palavras o que ele estava pensando.

O grupo já estava longe do hotel. Agora eles se viam em uma nova dificuldade.

- Para onde iremos? – Perguntou Patinhas. – Quase tudo está fechado.

- O que você esperava? – Perguntou Donald, com raiva – Domingo, à noite e fora de temporada. Só vamos encontrar bares e coisas assim abertos.

- A ópera! – Luisinho gritou, depois de pensar um pouco – Ela fica perto e deve estar aberta também. E vai ser fácil a gente se esconder no meio da platéia.



- Se ela estiver aberta, se tiver platéia. – Contestou Donald.

- Ainda assim é melhor do que ficar aqui, correndo o risco de Mac Monei aparecer. Vamos! – Disse Patinhas.

- Espere aí, seu louco! – Donald segurou seu braço – Como se você tivesse direito de falar de riscos.

- Donald...

- Como que você foi fazer aquilo? Nós podíamos ter sido feridos! Meus sobrinhos podiam ter sido feridos!

- Eu... eu não sei. – Ele admitiu - Eu não pensei em nada, só em salvar os registros.

- E os registros são mais importantes que nossa vida? Belo parente que você é!

- Tio... – Os patinhos tentaram falar.

- Calem a boca! – E voltando para Patinhas Cintilante – Você não pensou que um daqueles calhordas podia atirar na gente, pensou? Que a essa hora um de nós podia estar morto? Só importa o dinheiro, não é?

- Tio, nós estamos bem! – Gritaram os meninos.

Olhando para eles, a raiva de Donald passou. Eles estavam bem. Por um minuto ficou agradecendo interiormente isso, mas depois a vergonha e o arrependimento, começaram a falar alto.

- Primo, desculpe – Ele disse, sem olhar para ele. – Meninos, me desculpem. Desculpem mesmo. Eu não sou assim, é só que... é só que perder vocês também... Eu não sei o que ia fazer.

Os patinhos estavam assustados. Sabiam que o tio tinha um temperamento explosivo, mas não tanto. E o jeito como ele derrubou os dois criminosos, eles nunca souberam que ele sabia lutar daquele jeito. E tentou quebrar o pescoço de um deles, eles não imaginavam que ele seria capaz disso. E o modo como ele ficou depois, como se só tivesse percebido isso quando eles falaram. E a tristeza com que ele se desculpou. E agora, a raiva com que ele falou com o primo. E o medo de acontecer alguma coisa com eles. E o mais confuso de tudo: "... perder vocês também..." Isso significava que ele já tinha perdido alguém. Mas quem? Eles não conseguiam entender, mas sentiam que tinha mais naquela história do que sabiam. Talvez mais do que pudessem compreender.

Patinhas também estava triste. Agora tinha consciência de que o que fizera era perigoso, mas não tinha pensado nisso na hora. O que estava acontecendo com ele? Ele nunca tinha feito nada assim! Por que ele tinha insistido naquela busca ao tesouro? Ele estava muito melhor em Nova Patópolis. E Donald e os meninos? Seu primo tinha razão, ele tinha posto a

vida deles em risco. Mas tinha feito isso por causa deles, para que eles não pensassem que ele era um fraco. Seu pai também teria feito isso. Ou não teria? Ele não sabia dizer.

Até o capitão Boeing estava pensativo. Aquela não era a primeira vez que ele estivera em perigo. Não era a primeira vez que ele tinha lutado. Isso acontecia até com certa frequência. Mas o jeito como ele lutou, o modo como ele soube quando atacar, onde atacar, ele não tinha aprendido isso em nenhum lugar. E, de vez em quando, vinha um pensamento estranho, quase uma lembrança, de algumas coisas parecidas. E Donald estava nesse pensamento. Donald e outra pessoa, talvez uma mulher.

Por fim chegaram à ópera, que felizmente estava aberta. O *Palais Garnier* havia sido encomendado pelo imperador Napoleão III em 1859 e só foi terminado em 1874. Construído em um terreno pouco adequado, pantanoso (segundo uma lenda, haveria um lago debaixo dele) ele ainda assim se tornou uma das mais elaboradas e belas construções. Sua área total é de 11.000 m<sup>2</sup> e é capaz de abrigar 450 artistas. Seu exterior é decorado por frisos de mármore, colunas e estátuas e seu interior, por veludos, enfeites folheados a ouro e mais estátuas.

Eles entraram e se misturaram com os espectadores. Por sorte estava havendo um espetáculo. No palco, uma pata loura, gorda, com voz estridente cantava:

*"Io sperai che a me la vita/ tronca avesse il mio spavento..."*

Não era o melhor lugar para se esconderem. A peça podia acabar a qualquer momento e eles não teriam para onde ir. Mac Monei podia descobri-los. Também não sabiam como deixar a França, pois seu avião seria provavelmente vigiado. A polícia não adiantaria muita coisa. Não conseguiriam provar nada contra Mac Monei. Nessas horas, pensa-se em tudo, teme-se tudo. Por sorte a música estava tendo um efeito relaxante neles, embora a voz da cantora fosse muito estridente. Com o tempo, ficaram mais calmos e as emoções diminuindo de intensidade. Podia-se até dizer que ficaram tranquilos se, de vez em quando, não lançassem olhares preocupados para a entrada e por toda a construção, em busca de saídas de emergência.

Em uma dessas olhadas, Patinhas Cintilante reconheceu uma pessoa. Não era seguro ir até lá, ele podia ser reconhecido, talvez chamasse atenção. Mas o magnata se sentia um pouco em dívida, pelo que ela tinha feito por ele, quando todos faziam o contrário. Por isso se aproximou:

- *Monsieur Hergé?*

Este se virou, espantado. Era um pato bem velho, magro, pequeno, com o cabelo muito branco e bem penteado em um topete.

- Não fomos apresentados, mas o senhor fez muito por mim. Quer dizer... Eu... Eu sou Patinhas Cintilante – Disse ele em voz baixa.

- Muito prazer, *monsieur* Patinhas. É um prazer conhecê-lo. – Disse ele, educadamente, em um inglês perfeito.

- O prazer é meu, acredite. Eu não me esqueci do que fez.

- Mas, o que eu fiz? Nunca nos encontramos antes.

- Eu sei, mas o senhor... o jornal do senhor foi o único a não falar de... de mim, naquela noite da visita do sr. Ben Kalish.

-Ah, aquilo. Aquilo não foi nada, *monsieur* Patinhas. Eu não tinha o direito de ficar te criticando. Essa não é a função dos jornais.

- Eu sei, eu sei. Mas ainda assim, todos os outros publicaram... coisas sobre mim. Esses escândalos ajudam as vendas. E o seu foi o único que não fez isso. Poderia ter feito, era o esperado. Eles até ficaram imaginando se eu não subornei ou ameacei o senhor.

- Eu não me preocupo com o que pensam de mim, *monsieur* Patinhas. Eu tento fazer a coisa certa, nem sempre consigo. Mas quanto a aumentar a venda dos meus jornais aumentando ou até mesmo inventando escândalos de outras pessoas, isso eu não faço.

Patinhas ficou muito grato ao belga. Ali estava outra pessoa boa, como a dona Cotinha e Drake Mallard. Muito melhor que aqueles milionários idiotas.

Neste momento, os atores passaram a cantar ainda mais alto. A voz da pata loura ficou mais estridente ainda.

- Sophia Castafiore – Hergé informou a Patinhas – “A cotovia veneziana.”

- Ela é... impressionante. – Patinhas disse, diplomaticamente.

- Eu conheci a mãe, Bianca. Era mais “impressionante” ainda. Foi a pedido dela que eu vim. Hoje é a sua última apresentação antes de voltar para a Itália, então ela não aceitou desculpas. As coisas que fazemos pelos amigos...

Patinhas não disse nada. Uma ideia o assaltou. Talvez ele conseguisse um meio de deixarem a França e chegarem à Itália, onde o tesouro provavelmente estaria escondido, sem levantar suspeitas. Após se despedir educadamente, voltou para perto dos outros e esperou o espetáculo acabar.

- Para onde iremos agora? – Perguntou o capitão, preocupado.

- Eu tenho uma ideia. Vocês vão ter que confiar em mim. – Disse Patinhas, um pouco tímido.

Donald olhou para ele. Era possível ver que ainda não tinha esquecido a luta no hotel, mas não disse nada.

- Vocês confiam? – Perguntou Patinhas. Ele não queria fazer mais nada para prejudicá-los.

- Pode fazer o que quiser, primo. Nós confiamos. – Disseram os patinhos.

Patinhas olhou para Donald e para o capitão. Os dois confirmaram com a cabeça.

Ele partiu em direção ao camarim dos artistas. Chegando à porta da cantora Sophia Castafiore, bateu. Seria necessária toda a sua diplomacia agora.

- *Si?* – Ela atendeu.

- *Signora*, eu vim apresentar-lhe meus cumprimentos.

- *Si? Molte grazie, signor...*

- Patinhas, *signora*. Patinhas Cintilante. Sou... – Ele precisava ser o mais convincente possível – Sou um de seus maiores fãs.

- Muito prazer, *signor* Patinhas. É um verdadeiro privilégio ser admirada por tantos homens de posição. – Ela disse, orgulhosa.

- O prazer é meu, *signora*. Quando dignar-se a visitar Nova Patópolis, eu mesmo quero ter o prazer de lhe apresentar nosso teatro.

- É muito amável, *signore*. Há algo que eu possa fazer pelo *signore*?

Esse era o ponto que interessava a Patinhas.

- Na verdade, há algo, *signora*. Por uma fatalidade, o meu avião sofreu uma avaria... – Ele parou nesse ponto, interrogando-a com o olhar.

Ela já havia entendido tudo. Patinhas queria ir até a Itália e não queria gastar dinheiro com a viagem. Entretanto, a chance de cantar em Nova Patópolis era muito boa para se perder. Havia muito tempo que ela tinha esse sonho. Cantando lá, as portas de todos os teatros estariam abertas para ela. Os olhos de todos os amantes de música postos sobre ela. Era só um pequeno favor que faria e que ele lhe pagaria com um grande favor. Além disso, ia fazer bem para sua imagem viajar acompanhada do pato mais rico do mundo.

- *Madonna*, que tristeza, *signore*! – Ela disse com a voz falsamente emocionada.

- É mesmo, *signora*. – Disse Patinhas, com uma voz triste mais realista. Julgava ter falhado na sua tentativa.

- Se o *signore* não se importar de me dar esta honra, pode ir até *L'Italia* no meu avião. Infelizmente, eu não creio que ele esteja em condições de receber um pato da sua posição.

- *Signora*, não imagina o favor que me faz! – Ele perdeu a sua falsa educação – Muito obrigado, eh... *Molto grazie*.

Ele já ia se retirar, quando voltou:

- Só mais uma coisa, *signora*, se não for abusar. Eu preciso tratar de negócios importantes na Itália e não gostaria que os repórteres... A *signora* entende, não é? Poderia chamar a atenção de outros milionários para as minhas negociações... Isso iria dificultá-las... – Na verdade, ele não estava falando tantas mentiras agora.

- Não se preocupe, *signor* Patinhas. Eu também detesto esses repórteres irritantes. Eu vou garantir que eles não nos incomodem. – Ela disse, pensando em fazer exatamente o oposto.

Ele agradeceu novamente, se despediu dela e foi rapidamente até sua família. Ele havia conseguido. Tinha conseguido um meio de transporte seguro, rápido, discreto e de graça. Seu pai ficaria orgulhoso.

- E então? - Perguntaram os meninos. - Nós estávamos pensando em...

- Não se preocupem mais com isso. Eu arranjei a nossa saída! – Ele disse, com orgulho.

- É segura, pelo menos? – Perguntou Donald, secamente.

- É melhor do que qualquer uma que você pudesse arranjar. – Ele deixara aquilo escapar. Ele estava disposto a fazer as pazes com Donald. Ele realmente tinha sido leviano no hotel. Entretanto, a secura com que Donald perguntou pôs um fim a essa intenção e ele não agüentou mais.

- Como se você pudesse falar isso de mim! Você que nem me conhece! – Rebateu Donald.

Os dois ficaram se olhando por um tempo. A raiva com que falaram deu lugar, nos dois, a um arrependimento. Mas eles não tinham coragem para admitir. O “roubo” da herança dos sobrinhos estava incomodando Donald mais naquela noite, depois deles terem sido colocados em risco. Por sua vez, o modo como Donald tinha começado a tratá-lo incomodava Patinhas. Ele tinha feito tudo aquilo para conseguir ficar próximo deles, para conseguir a aprovação deles e recebia em troca reclamações.

- Vamos parar com isso, pois não leva a nada. – Zezinho chamou-os à razão. – Vamos seguir o plano do primo.

No fundo, os dois eram gratos aos patinhos por terem evitado o que poderia se tornar uma briga entre eles. Ambos sentiam que os patinhos, mesmo com pouca idade, eram mais adultos que eles. Donald pensava em como eles tinham todo o direito de ter raiva do primo, mas não o faziam. Quem ficara ofendido fora ele. Isso não devia ser assim. Patinhas entendia por que seu pai os elogiava tanto no livro. Ele sabia também que eles confiavam nele e estava disposto a merecer essa confiança.

Eles acompanharam Sophia Castafiore até a sua mansão (ela tinha uma em quase todas as grandes cidades) e, depois de a cantora ter feito seus preparativos, embarcaram com ela rumo à Itália.

Patinhas estava satisfeito por ter conseguido aquela condução. Mac Monei nunca o descobriria e no dia seguinte ele talvez já tivesse o tesouro.

Ele não poderia estar mais enganado.

**O homem que ri**

Durante a viagem, Huguinho, Zezinho e Luisinho conseguiram traduzir os registros de Alexandre Dumas, com a ajuda do Manual do Escoteiro. O escritor tinha ouvido falar de Edmondo Algeri na sua primeira viagem à Itália. Tinha achado interessante e, depois de um tempo, decidiu se inspirar nela para escrever um livro. Conforme foi tendo dificuldades financeiras, a imagem do tesouro escondido passou a interessá-lo mais. Utilizou uma parte do dinheiro que lhe restava para pesquisar tudo o que podia sobre os dois cardeais. Ele esperava encontrar o tesouro e, assim, salvar sua casa e sua posição até conseguir sucesso com outro livro. Os registros dele acabavam aí. Era fácil deduzir que os credores não lhe deram o tempo necessário para encontrar o tesouro.

Já os textos em italiano e em latim foram escritos pelo próprio Edmondo Algeri. Tinha sido contratado pelos dois cardeais para esconder suas fortunas. O lugar que escolheu foi o templo do deus romano Janus, em Pescarenico, na província de Lecco, na Lombardia. Ele tinha construído uma sala secreta, dentro desse templo. Para entrar nela, deveria empurrar o sétimo tijolo, da esquerda para a direita, da parede atrás do deus.

- *Signora*, muito obrigado por ter nos ajudado. Te espero ansiosamente em Nova Patópolis.

- O prazer foi meu, *signor* Patinhas. – Disse ela, com um sorriso. “Agora sou a cantora mais famosa do mundo”, pensou, depois de descobrir um repórter observando-os.

Patinhas despediu-se de Sophia Castafiore e o grupo foi procurar um local para se alojar. Pescarenico ficava longe de onde estavam (Veneza) e eles estavam cansados depois daquele dia movimentado. Temendo os hotéis, eles alugaram uma casa mais afastada, de modo a não chamarem atenção.

Esse foi outro erro que eles cometeram.

O dia seguinte não amanheceu muito bem. Patinhas e Donald ainda estavam frios um com o outro. O capitão Boeing, desde o encontro com Mac Monei estava atormentado por pensamentos estranhos e desconexos com Donald, uma pata alta e cheia de curvas, situações perigosas e organizações secretas. Parecia que ele estava enlouquecendo. Para conseguir dormir, ele recorrera ao antigo remédio, isto é, a bebida e amanhecera sentindo-se muito mal.

Até os meninos não estavam muito bem. Desagradava-lhes a briga do tio com o primo e a situação em que o capitão se encontrava. Além disso, o comportamento violento de Donald ainda os preocupava.

O plano era ir até Pescarenico nesse mesmo dia, mas a condição do capitão impossibilitava isso. Difícil dizer qual dos três se sentia pior. Patinhas estava revoltado por estar tão perto do tesouro e não poder buscá-lo. Donald se sentia culpado pelo estado do



amigo. Se ele ao menos não o tivesse chamado para a Agência! O capitão estava arrependido de ter novamente deixado a bebida falar mais alto e ter atrapalhado os planos do patrão.

Entretanto, surgiu outra coisa para ocupar a atenção deles. Quando Luisinho (o primeiro dos meninos a acordar) abriu as janelas do seu quarto, reparou em um sujeito que observava a casa. Assim que viu o patinho, ele se afastou. Esse comportamento era muito misterioso.

Depois foi a vez de Donald. Quando ele foi ao jardim da casa, tentar relaxar um pouco daquelas tensões, reparou nesse pato misterioso, de quem o sobrinho tinha lhe falado. Assim como da outra vez, ele se afastou quando foi notado.

Durante o almoço, a mesma coisa. Indo para a cozinha, o capitão Boeing notou pela janela da sala aquele personagem enigmático, que mais uma vez se afastou.

Isso estava ficando preocupante. Eles estavam sendo vigiados, sem dúvidas por Mac Monci. Mas como ele descobrira o lugar onde eles estavam?

A resposta veio quando Patinhas ligou a televisão para se distrair. Dizia o repórter:

- Depois de ter encantado as grandes capitais com o seu talento musical, a soprano Sophia Castafiore, “a cotovia veneziana”, imortalizada por seu papel de Lucia di Lamermoor na ópera de mesmo nome, retorna à sua pátria, deixando órfãos, pelo menos por um tempo, os fãs da música erudita. Famosa por seus romances, a cantora parece desta vez ter roubado o coração do controverso milionário Patinhas Cintilante. O casal foi fotografado entrando no avião da diva, em Paris, e, depois, quando aqui chegaram. Contrariando todas as expectativas, o magnata hospedou-se em uma casa afastada, sem dúvida para não ser perturbado em sua corte à “cotovia”.

- “Roubado o coração do controverso milionário”. “Corte à “cotovia””. Que bela ajuda a senhora me prestou, dona Castafiore. – Disse Patinhas, mais irritado ainda.

- Se você tivesse nos falado dos seus planos isso não teria acontecido. – Disse Donald.  
– Mas não, seus interesses em primeiro lugar, como sempre.

- Por que eu tinha que falar? E o que é que você sabe sobre mim?

- Sei que você é igual ao seu pai, o dinheiro primeiro, a família depois.

- Isso é mentira. O que é que te faz pensar que está sempre certo? Até agora, você não fez tanta coisa assim.

- Eu pelo menos entendo mais disso do que você. Fui eu que viajei com seu pai, quando você nem conhecia ele.

- Como é que você ousa...

- Parem com isso! – Gritaram os patinhos – Não vamos a nenhum lugar com essas brigas.

- Então fiquem com o seu primo fabuloso! – Disse Donald, deixando a sala.

Ele estava furioso. Tinha feito tudo pelos meninos, tinha dedicado sua vida toda a eles, que nem eram seus filhos, e era assim que eles retribuía. O que o primo tinha para que eles tivessem tanta consideração com ele? Tinha dinheiro, isso era fato, mas eles nunca se importaram muito com isso. E era o dinheiro deles, ainda por cima! Olhou pela janela e viu o observador.

“Ele vai ver se eu não faço muita coisa”, pensou. O observador se afastou e ele o seguiu. “Vamos ver para onde ele vai”.

Enquanto isso, na casa, o ânimo tinha piorado. Os meninos estavam tristes com a atitude do tio. Queriam se desculpar, mas nem sabiam o que tinham feito. Alguma coisa estava muito errada com ele.

Patinhas assistia à televisão, mas sua mente estava em outros lugares. Lembrava da vida que tinha em Vancouver, quando tudo era mais simples. Lembrava dos poucos encontros que tivera com Donald e os sobrinhos, na casa da Vovó Donald e depois na casa deles, sob recomendação do dr. Ego. Naquela época eles se davam bem. Por que isso não tinha continuado? Se ao menos o temperamento do Donald fosse menos explosivo. Mas ele podia culpá-lo? Ele também não tinha se comportado bem, tinha posto todos em risco, tinha sido grosseiro com o primo. E Mac Monei? Ele devia saber onde eles estavam. Ele gostaria de não ter encontrado Sophia Castafiore. Ele gostaria de não ter tido essa ideia de procurar um tesouro. Ele gostaria de não ter deixado Vancouver.

O capitão Boeing tinha aberto outra garrafa. As brigas, as discussões propiciavam aquelas lembranças estranhas. Agora vinha um nome: Be J. O que aquilo significava? O que tinha acontecido com ele?

De repente, os meninos escutaram um barulho no andar de cima. Subiram as escadas rapidamente e entraram no seu quarto. A janela tinha sido quebrada, mas não havia nada de diferente lá. Quando iam voltar, perceberam que a porta tinha sido trancada por fora. Estavam presos. Quem tinha feito isso?

Patinhas estava na sala, com o capitão Boeing. Não tinha prestado muita atenção no barulho. Subitamente, a porta da rua se abriu, e entraram três sujeitos. O que ia à frente era alto, magro, com o cabelo crespo castanho claro e um bigode fino sobre o bico. Ele tinha um sorriso irônico. Os outros eram um louro também magro e um outro de cabelo muito escuro,

com barba e bigodes. O que ia à frente, provavelmente o chefe, indicou Patinhas para seus dois companheiros.

- Capitão Boeing! Socorro!

O capitão fez menção de levantar, mas então tudo girou. Não entendia, a quantidade que bebera não era suficiente para isso. Sua vista começou a escurecer, aquelas imagens confusas voltaram com toda a intensidade. Ele ainda assim foi na direção deles.

- Cuidado, Rupert! – Disse um deles.

O chefe, que fora chamado de Rupert, deu uma risada.

- O que? Acha que esse palhaço oferece algum perigo a Rupert Hentzau? – E, dizendo isso, deu um soco no capitão.

Ele perdeu os sentidos. As imagens de Donald e da pata misteriosa vieram à sua cabeça enquanto caía. Donald. Karen. DD. Ka K. Be J. Agência. Organização...

- Eu não falei? – Continuou Rupert Hentzau, com outro daqueles seus sorrisos – Ninguém resiste àquela droga, meu amigo. Agora – Disse virando-se para Patinhas – Vamos tratar do nosso serviço.

Os meninos conseguiram arrombar a porta depois de um tempo. Por sorte, seus canivetes estavam naquele quarto e o Manual do Escoteiro ensinava como abrir portas com eles. Quando chegaram à sala, encontraram o capitão Boeing no chão. Patinhas Cintilante tinha desaparecido. Pouco tempo depois, Donald chegou. O observador misterioso tinha entrado em um carro e despistado ele.

Aquele tinha sido um golpe perfeito.

## **Prisioneiro**

Patinhas Cintilante acordou confuso, zozinho, com o corpo dolorido. Estava em um quarto escuro, pequeno e apertado. Não haviam janelas. Ele não sabia como tinha ido parar lá. Depois começou a se lembrar. Estava na casa que tinha alugado. Os meninos tinham subido as escadas. Não sabia onde Donald fora. O capitão estava bebendo. Então surgiram aqueles homens, com aquele chefe de sorriso irônico. Eles o tinham agarrado. Um deles colocara um pano em seu rosto. Talvez fosse clorofórmio. Não se lembrava de mais nada depois.

A porta abriu.

- Bom dia, Patinhas. Dormiu bem? – Mac Monei perguntou.

Patinhas não respondeu. Estava com os olhos no chão. Capturado. Prisioneiro.

- O que é isso? Não sabia que quando alguém dá “bom dia”, você tem que responder? Seu pai não te deu educação? Ah, é mesmo...

- O que você quer, Mac Monei? Onde eu estou?

- O que eu quero eu já te disse: a localização do tesouro. Já quanto ao lugar, acho que não é preciso ser muito inteligente para saber que estamos no esconderijo de Rupert Hentzau.

- O que é que você tem contra mim? Dias atrás, eu nem te conhecia.

- O que eu tenho contra você? Digamos... você é muito parecido com o seu pai, para o seu próprio bem. Mas não vamos falar de coisas sem importância. A localização do tesouro, por favor.

- Não.

- Podemos ficar aqui o dia todo. Você achou que eu não ia te descobrir, não é mesmo? Achou que aquela cantora ia ficar quieta, com um dos patos mais ricos como passageiro. Talvez o mais rico – Ele disse isso com uma expressão terrível – Você não conhece as pessoas mesmo. Seu pai nunca cometeria um erro como esse. E o tesouro?

Patinhas não disse nada. Ele tinha sido ingênuo mesmo. E pensar que ele imaginou que seu pai se orgulharia da sua ideia.

- Você vai pra cadeia, Mac Monei.

- Acho que não. Nós não deixamos nenhuma pista. Não há nada me envolvendo nisso. Nem Hentzau sabe o meu nome. Ele é muito perigoso e pode querer me prender também. Além do mais, SE eu for descoberto, eu tenho isso. – E apalpou o bolso – O melhor advogado de todos. Pena que você não sabe usá-lo.

Patinhas voltou a olhar o chão. Não disse nada.

- Vamos, vamos. Você não pensa que eles virão te salvar, pensa? Mesmo que eles quisessem, eles não conseguiriam. SE eles quisessem.

- Eles vão querer! Eles vão vir!

- Acho que não. Eles não têm nenhum motivo para fazerem isso. Nenhum motivo para se importarem com você, Você tirou a herança deles, lembra? Se você desaparecer, talvez ela volte pra eles.

Isso não! Os meninos não iam fazer isso. Nem Donald.

- Como se não bastasse, você não deu a eles nenhum motivo para gostarem de você. Sempre enfiado naquela caixa forte, só preocupado com ganhar dinheiro. Falou com eles poucas vezes, se importou com eles poucas vezes.

- Isso é mentira! Eu sempre me importei com eles.

- Se importou tanto que nunca falou isso com eles! Se importou tanto que os arrastou pra uma caça ao tesouro louca, que eles provavelmente não iam ganhar nada. Se importou tanto que colocou eles em risco com a sua ideia de me enfrentar.

- Não...

- Não? Desde que eu soube onde você estava, os homens de Rupert te vigiaram. Eles nos contaram sobre suas brigas com o Donald. É triste, ele que era quase um filho para o seu pai, que você devia considerar seu irmão...

Patinhas não disse nada. Aquilo tudo fazia sentido.

- Bem, chega de falar dessas coisas. Vamos ao que interessa. Vai me falar a localização do tesouro ou não? É a sua única chance de sair daqui. Diga-me e você sai, sem ressentimentos. Ai você pode procurar aquela sua família e tentar desculpar seus fracassos.

Patinhas esperou um pouco. Depois, com um suspiro, disse:

- Pescarenico. Templo de Janus.

- Obrigado. – E Mac Monei fez menção de sair.

- Você disse que ia me soltar!

- Eu não falei quando. E, além disso, eu não confio em você. Pode muito bem ter me dado um endereço falso. Seu pai faria isso.

Ele saiu, deixando Patinhas pior do que já estava. Enganado. Ele tinha sido enganado. Tinha decepcionado seu pai, Donald, os meninos, o capitão, sua mãe, a dona Cotinha.

Seu pai nunca teria feito isso. Nunca teria confessado. Nunca teria sido capturado. Nunca teria decepcionado aqueles que contavam com ele. Nunca teria brigado com eles.

- Vigie-o bem, Hentzau. Ele pode tentar fugir. – Mac Monei disse isso ao criminoso.

- Isso é impossível, sr. Sarcany. Quando faço um serviço, eu faço bem feito.

- Bom. Aqui está o dinheiro. Pode cobrar o resgate por ele também. Eles pagarão. Até logo.

- Não tão rápido! – Hentzau agarrou Mac Monei pelo casaco. – Quero ver se esse dinheiro é verdadeiro mesmo. Eu não gosto que me enganem, sr. Sarcany.

- Fique a vontade. Ele é verdadeiro mesmo.

- Hum. Ainda bem que você não tentou me enganar. – E repetiu. – Não gosto que me enganem.

Mac Monei engoliu em seco. E se Hentzau soubesse quem ele era?

## Determinação



- Quer dizer que seu primo sumiu e vocês não sabem onde ele está? – Quem perguntou isso foi o delegado Leone, um pato de meia idade, gordo, com uma barba grisalha e grandes óculos redondos.

- Isso mesmo. – Confirmaram Donald e os sobrinhos.

- Meu senhor, a polícia investiga pistas. Ela não faz milagres. E até agora vocês não me falaram nada que me ajudasse a ter uma ideia de onde ele foi.

- Mas essa é a função de vocês. Nosso primo sumiu, deve ter sido seqüestrado...

- Isso você não sabe!

- Os meninos foram presos no quarto. O capitão Boeing foi encontrado no chão. Isso pra mim indica seqüestro.

- Que eu saiba, o tal capitão gostava de uma bebida. Isso explica porque ele caiu no chão. Já quanto aos meninos, eu nunca acreditei muito em crianças. Não faz bem.

- Meus sobrinhos nunca iam mentir sobre isso! – A intenção de Donald era saltar sobre o delegado, mas isso só ia piorar a situação.

- Eles não iam mentir sobre isso! Pronto! Não se exalte. Pra mim é muito simples. Seu primo foi visitar a namorada cantora e dormiu lá. É isso que eles geralmente fazem, se você não sabe.

Enquanto Donald e os meninos estavam nesta conversa improdutiva, o capitão Boeing estava na casa. Sua consciência perturbava-o. Fora por sua causa que eles não tinham partido mais cedo. Por sua causa Patinhas tinha sido capturado. Por causa da sua paixão pela bebida.

E ele agora se lembrava de tudo. A bebida drogada, com mais o soco, tinham restaurado sua memória. Tinha sido contratado por uma tal de Agência. Donald trabalhava lá. Donald e uma tal de Karen. Eles eram agentes. Ele também era. Be J era o seu nome. Depois ele começou a questionar suas ordens. Não sabia se o que estava fazendo era certo. Então soube que Donald e Karen tinham desaparecido, talvez morrido. O chefe parecia não se importar. Quis sair. Eles então fizeram um procedimento Mnemônico nele.

Era muito difícil agüentar tudo isso. Precisava de um gole de cerveja. Ele ficou olhando para o copo antes de beber. Aquilo era a única coisa que resolvia. A única fuga dos seus problemas.

Mas também era o criador dos novos problemas.

O capitão Boeing não bebeu. Continuou olhando para o copo. Valia mesmo à pena? Por causa daquilo ele tinha decaído tanto. Por causa daquilo, o sr. Patinhas, que tinha lhe contratado mesmo sabendo dos seus problemas, tinha sido seqüestrado. Mas também era a única coisa que o fazia esquecer os problemas...

Por fim, ele virou o copo na garrafa. Não ia beber. Ele tinha sido responsável, em parte, por tudo aquilo. Então, era ele quem ia resolver.

Tentou se lembrar da invasão. Por mais que forçasse a mente, só se lembrava de tudo girando e depois do soco. Veio então uma palavra: “palhaço”. Ele tinha sido chamado de “palhaço”. Forçou mais a memória. Lembrou então um nome. Um nome estrangeiro: Rupert Hentzau.

Era isso! Esse era o nome do seqüestrador!

O capitão se levantou em um segundo. Ele tinha se lembrado! Correu para a delegacia.

Quando chegou, viu que Donald e os meninos estavam saindo.

- Esperem! Eu lembrei o nome do seqüestrador! – E, sem esperar pela resposta deles, correu para dentro. Eles o acompanharam.

- O nome do seqüestrador é Rupert Hentzau! – Ele gritou, assim que avistou o delegado Leone.

- O quê?

- O nome do seqüestrador é Rupert Hentzau!

- Do seqüestrador de quem? Quem é você?

- O seqüestrador do sr. Patinhas. O nome dele é Rupert Hentzau.

O delegado ficou pensativo. Por fim, perguntou:

- Como é que você sabe disso?

- Ele falou, antes de me bater. – Ele respondeu, um pouco envergonhado – Falou: “Esse palhaço não oferece perigo a Rupert Hentzau” ou alguma coisa assim.

- Mas não é possível que ele tenha falado o nome com tanta naturalidade. Isso ia incriminá-lo. Nenhum bandido ia ser tolo a esse ponto. – Donald disse, depois de escutar a conversa.

- Não é uma questão de inteligência, sr. Donald. É uma questão de orgulho. Ele não dá nenhuma pista que possa nos levar até ele, mas faz questão de admitir que foi ele quem cometeu o crime. Isso faz ele parecer mais esperto que a polícia. – Disse o delegado.

- O que? Então quer dizer que esse sujeito existe?

- Infelizmente. Aqui tem uma ficha dele.

Lá estava uma foto do pato de sorriso irônico. Lia-se:

Rupert Hentzau

Nacionalidade: Ruritania

Idade: 22 anos

Donald não conseguia acreditar.

- Isso aqui é o que diz o delegado Anthony Hawks, que foi o primeiro a persegui-lo: Ele fugiu do país dele, que fica na Europa Central, aos 18 anos, por causa de coisas políticas. Começou a ficar “famoso” na Inglaterra. Ele fazia parte de uma gangue, de um tal Michael, que era seu compatriota. Com o tempo, ele foi sendo mais respeitado pelos colegas que o próprio chefe. Ele acabou matando Michael e liderando a gangue. A polícia acabou obrigando ele a sair do país. Ele então tem ficado um tempo em cada país, até descobrirem o seu esconderijo. Desde uns meses ele tem ficado aqui na Itália, nos dando dor de cabeça. Só que não temos a menor ideia de onde ele se esconde.

- Mas por que ele ia raptar o primo? Só se...

- Resgate, provavelmente.

- Ele não... trabalha pra outras pessoas? Quer dizer, se alguém pagasse para ele fazer isso, ele ia fazer?

- Talvez. Tendo dinheiro envolvido, acho que ele faria qualquer coisa. O melhor a fazer, se querem a minha opinião, é esperar ele entrar em contato.

- Quer dizer que vocês não vão fazer nada pra localizar o primo? – Perguntaram Huguinho, Zezinho e Luisinho.

- Já faz 10 meses que estamos atrás de Hentzau. Vocês querem que eu descubra agora o que eu não consegui nesse tempo todo? Desculpe, mas não fazemos milagres.

Não havia mais o que fazer em relação à polícia. Eles não estavam interessados nesse assunto.

Na casa, Donald observava os meninos. Eles pareciam muito preocupados. Isso lhe pesava a consciência. Toda a sua raiva do primo (agora ele admitia o que sentia) era por causa deles. Mas eles pareciam se importar mesmo com ele, gostar mesmo dele.

Chegou a um ponto em que ele não agüentou:

- Meninos, eu preciso falar com vocês.

- Claro, tio. O que é? – Eles perguntaram.

- Vocês... vocês gostam mesmo do primo? Não se importaram de perder a herança? –

E, vendo que eles já iam responder, disse – Não, eu não quero que os generais dos escoteiros respondam. Eu quero Huguinho, Zezinho e Luisinho. Do fundo do coração, vocês não se importaram?

Eles ficaram um tempo em silêncio, olhando um para o outro. Por fim Huguinho disse:

- Eu não sei como que os manos ficaram. Mas eu, bem, na hora que o advogado falou que nós tínhamos herdado o dinheiro eu não acreditei bem, mas no fundo eu gostei. Depois que o primo apareceu e herdou toda a fortuna, eu fiquei meio decepcionado, eu admito.

- Eu também. – Disse Zezinho - Não era nem pelo dinheiro, foi mais por ele ter tirado aquilo da gente, isso me incomodou. Mas depois, fiquei achando que foi melhor assim. A gente, eu pelo menos, não ia saber o que fazer com ele.

- E nós não íamos gostar de ficar num escritório, prestando atenção em Bolsa de Valores, em balança comercial, essas coisas. Nós somos mais da natureza, da liberdade. – Disse Lusinho, por sua vez.

- Eu fico feliz por vocês serem assim. – Disse Donald – Eu... eu não encarei isso tão bem quanto vocês. Se eu pudesse.... se eu tivesse dinheiro... eu ia dar tudo pra vocês. Eu sei que eu às vezes sou chato, mas é o meu jeito. Vocês são a coisa mais importante pra mim. Então quando o advogado falou que vocês tinham herdado... eu fui o que ficou mais feliz. Vocês iam ter, finalmente, uma vida melhor. Melhor do que eu podia dar. Então chegou o primo e tirou isso de vocês... foi difícil aceitar. Eu sabia que não era culpa dele, mas eu sentia por vocês. Eu fui mesmo um idiota. Eu... tenho sido um idiota.

- Tio... – Os três o abraçaram.

- Você é o melhor tio que alguém poderia ter. É a pessoa mais importante pra gente. A gente não sabe o que ia fazer sem você.

- Obrigado... obrigado – Disse ele, emocionado – Faz muito bem pra mim ouvir isso.

- Você não quer desabafar mais? A gente percebeu que você estava meio triste, isso antes de viajar com o primo. Não quer falar o que é?

Donald ficou sem saber o que fazer. Ele queria falar, queria explicar tudo para eles, mas não sabia se devia. Podia preocupá-los, podia amedrontá-los. Podia colocá-los em risco.

- Meninos, tem coisas que seria melhor que vocês não soubessem, pelo menos por agora – Disse o capitão Boeing, que tinha se aproximado – E, Donald... eu... eu acho que ela não ia querer que você ficasse assim.

Donald olhou para o capitão, sem entender. Seria possível...

- Eu falei isso pro D.W. uma vez, numa situação parecida. Acho que ajudou alguma coisa.

- Obrigado. – E, olhando para todos eles – Obrigado por tudo.

O capitão tinha razão. Karen não ia querer que ele ficasse assim. Ainda doía lembrar dela, lembrar de tudo o que a Agência fez, lembrar de como tudo acabou, mas a vida continuava. Agora, o mais importante era localizar o primo. As outras coisas ele resolveria depois.

Começou a pensar, examinar as pistas que tinham. Os bandidos não tinham deixado nenhum indício, nada que pudesse indicar para onde tinham ido e nem como. A única coisa

que eles sabiam era o nome do chefe, mas isso não adiantava muita coisa. Parece que a polícia já o conhecia há muito tempo, mas não conseguia fazer nada. Ele tinha achado um erro o bandido ter revelado seu nome, mas o delegado disse que era comum. Talvez tivesse sido um erro mesmo. Se a polícia não conseguia encontrá-lo, talvez alguém conseguisse.

Ele só teria que tomar cuidado. Não ia querer revelar por enquanto quem era para essa pessoa. Depois, quem sabe... Ele poderia contar tudo para ela. Ela poderia ajudá-lo com uma ideia que ele estava tendo.

- Alô – Disse Irma.

- Alô – Disse Donald, disfarçando a voz.

- Quem está falando?

- Eu tenho um serviço pra você. Pago bem.

- O que? Quem está falando?

- Quero que você localize uma pessoa pra mim.

- Escuta meu amigo, como posso saber se isso não é uma gozação? Ou se você é da...

- Eu já sei seu telefone. Você, mais do que ninguém, sabe como isso é só um pequeno passo pra saber outras coisas. Seu endereço, por exemplo. Se eu fosse da polícia, já teria te prendido. Agora se eu fosse um... deles... você não ia estar conversando agora. Consegue me entender?

- O senhor é muito claro.

- Bom. Agora ache esse sujeito pra mim. Rupert Hentzau. Ele é famoso.

- Isso não é tão fácil assim...

- Dê um jeito. Eu estou esperando.

Depois de um tempo, que pareceu uma eternidade, ela disse:

- Bem, é o melhor que eu consegui. Descobri onde ele mora. Morava pelo menos.

*Calle de il Boia, nº37. Em Veneza.*

Donald desligou. Agora era hora de agir.

**Resgate**

A *Calle de il Boia* se localizava na parte mais velha de Veneza. A “Rua do Carrasco” era escura, úmida e perigosa. Abandonada, desprovida de moradores, era um lugar para as pessoas evitarem sempre que possível, uma vez que nas raras vezes em que se via alguém nela, essa pessoa dificilmente estava planejando algo honesto.

O número 37 era uma construção muito antiga. Talvez, tempos atrás, tivesse sido a moradia de um homem de posição. Era grande e imponente, apesar das rachaduras na parede, das janelas quebradas e da ausência de porta. Também faltava energia elétrica. Era difícil imaginar que lá pudesse ser o esconderijo de um criminoso procurado como Rupert Hentzau, mas talvez essa fosse a razão dessa escolha. A polícia dificilmente o procuraria lá, naquele local que tinha tudo associado à criminalidade. Era inconcebível que um fora da lei inteligente como Rupert ficasse em um lugar tão óbvio. O problema é que o óbvio, às vezes, é o mais difícil de se perceber.

No primeiro andar havia uma sala de estar, a cozinha, a copa e um banheiro (provavelmente para empregados do antigo dono). Dois cúmplices de Rupert jogavam tranquilamente na sala. De repente, ouviram um barulho. Ficaram apreensivos. Passou-se um minuto sem que nada acontecesse.

- Deve ter sido um gato, ou outro bicho. – Um deles disse, de nome De Gautet.

Nesse momento, ouviu-se o barulho de novo, mais forte.

- Um gato bem grande, hein? Eu vou ver. – Disse o outro, chamado Bersonin.

O barulho parecia ter vindo da cozinha. Para chegar lá, ele teria que passar por um longo corredor escuro, que levava à copa e ao banheiro. Aquele lugar desagrava a Bersonin, mesmo durante o dia.

- Maldito Rupert e suas ideias. Esse é o pior dos nossos esconderijos.

Enquanto Bersonin ia investigar o barulho, De Gautet continuava na sala. O barulho tinha deixado-o apreensivo. Seria a polícia? Não, eles não descobriram aquele lugar tão cedo. Ele devia estar nervoso. Mas por que Bersonin estava demorando tanto?

Decidiu por fim investigar. Aquele corredor era desagradável mesmo! Antes ele ria dos receios de Bersonin, mas agora lá parecia um lugar perfeito para ser atacado. O que é que estava havendo com ele? Estava armado. Se fosse a polícia, ele teria escutado o barulho de sirenes. Mas onde estava Bersonin? Escutou um barulho, então. Vinha da copa. Foi até lá. Bersonin estava no chão. Ele não teve tempo de fazer mais nada. Foi golpeado na cabeça e perdeu os sentidos.

- Como nos velhos tempos, hein Donald Duplo?

- Não precisa mais me chamar de Donald Duplo, capitão. Não estamos mais trabalhando pra Agência.

- Eu nunca vou te entender. Primeiro insistia pra que eu te chamasse assim. Agora não quer mais.

Donald deu uma pequena risada. Ainda era ruim pensar nos tempos da Agência, pensar em Karen. Mas o capitão Boeing conseguia animá-lo um pouco.

- Devem ter mais alguns desses bandidos no andar de cima. O primo Patinhas e Rupert também devem estar lá.

- Só uma coisa, Donald. Você se importa de eu pegar aquele Rupert? Quero me vingar do soco. E de ter sido chamado de “palhaço”.

- Por mim, tudo bem.

Os dois subiram as escadas. Não tinham contado à polícia o que sabiam. Isso ia levar a perguntas sobre como Donald tinha descoberto o endereço. Sem contar que o delegado Leone não tinha se importado em nada com os problemas deles. Além disso, Donald e o capitão Boeing tinham sido treinados para situações semelhantes.

O segundo andar era composto por dois quartos, mais uma sala, o banheiro do dono e uma biblioteca. Um dos criminosos estava na sala. Donald se aproximou sorrateiramente e, assim como com De Gautet, desacordou-o com um golpe na cabeça.

O outro inimigo estava no banheiro. O capitão o derrubou.

Eles exploraram o segundo andar e descobriram Rupert na biblioteca, sentado, de costas para eles. Em uma pequena mesa, um pouco afastada de onde ele estava, havia uma pistola.

- Vai procurar o seu tio. – Disse o capitão, entrando na biblioteca. Donald seguiu para os quartos.

O capitão podia pega-lo de surpresa, mas preferiu não fazê-lo. Foi silenciosamente até a mesa e pegou a pistola, embora não pretendesse usá-la. Depois bateu na mesa. Rupert virou-se, assustado.

- Ora, se não é o palhaço! – Disse ele, com um daqueles seus sorrisos irônicos, quando viu quem tinha batido. – Eu devo ter te julgado mal. Eu já sabia que você era um burro, mas não pensei que chegasse nesse ponto.

Ele olhou para a mesa e viu que não poderia contar com a pistola. Então, se levantou e aproximou-se do capitão, ainda sorrindo. Subitamente, ele levou a mão ao bolso e tirou uma faca. Tentou atingir o capitão, mas este se desviou. Tentou atacá-lo de novo e de novo ele desviou. O capitão então deu-lhe um murro no bico. Ele cambaleou, mas em seguida deu



outro de seus sorrisos. Aquele inimigo era dos bons. Pena que não conhecia seus golpes secretos.

Rupert se aproximou de novo. Planejava dar um dos golpes que tinha inventado, no qual ele fingia atacar com a mão direita, jogava a faca para a esquerda e com ela atacava. Iniciou o ataque, mas os dias na Agência tinham deixado o capitão mais atento durante as lutas. Percebeu a intenção do inimigo, agarrou sua mão e torceu-a. Então deu um soco com toda a sua força no rosto de Rupert, que caiu no chão.

- Acho que estamos quites agora. – Disse o capitão.

Enquanto isso acontecia, Donald procurava o primo. No primeiro quarto que olhou não havia ninguém. Só sobrava o outro. Ele estava apreensivo. Tinha medo do que Mac Monei ou esses criminosos podiam ter feito. Abriu a porta.

- Primo Patinhas! – Ele gritou.

Patinhas se levantou. Estava salvo! Percebeu quem era seu salvador. Os dois se aproximaram.

- Me desculpe. – Donald disse.

- Me desculpe também – Disse Patinha.

Donald estendeu a mão e Patinhas a apertou.

Eles continuaram se olhando por um tempo.

- E o Mac Monei? – Donald perguntou, por fim.

- Foi embora. – Disse Patinhas, com vergonha. Não sabia como revelar a eles o erro que cometera.

- Vamos. – Disse Donald, por fim – O tesouro não vai ser descoberto sozinho, e não podemos deixar ele pro Mac Monei, depois de tudo isso.

Os três deixaram a velha casa abandonada. No segundo andar, Rupert Hentzau refletia sobre os acontecimentos. Estava tonto, sua mão esquerda estava quebrada e seu corpo todo doía.

“Trabalho fácil! Maldito sr. Sarcany! Tudo culpa dele!”, ele pensou. Então lembrou-se de algo que ouvira, graças à arquitetura da casa que favorecia a propagação do som. O prisioneiro e seus salvadores se referiram ao sr. Sarcany como Mac Monei. Mac Monei, o magnata. Talvez aquele dia não fosse tão desprovido de benefícios, no final das contas.

Naquela noite, muito longe dali, Mac Monei se preparava para ir a Pescarenico. Estava radiante. Não só descobrira onde estava o tesouro, como também arruinara o seu inimigo. Essa vitória tinha valido por todas as suas derrotas na época de Patinhas Mac Patinhas.

Estava entrando no carro quando viu cinco homens se aproximarem. Parou o que estava fazendo, preocupado. Ladrões? Agora? Justo agora?

- Boa noite, sr. Mac Monei. – Disse Rupert Hentzau.

Ele estava com a mão esquerda enfaixada, seu bico e seu olho direito estavam feridos. Apesar disso, ele ainda dava um daqueles seus sorrisos, que, agora, o deixavam mais sinistro ainda.

- Boa noite. – Disse Mac Monei, desconfiado. Ele tinha descoberto seu nome. O que ia querer agora?

- Lamento informar, sr. Mac Monei, mas seu prisioneiro fugiu.

- O que? É, eu já devia esperar. Aquela família dele sempre foi uma pedra no meu sapato. Obrigado por me avisar, Hentzau, eu vou indo.

Ele fez menção de entrar no carro, mas Rupert Hentzau segurou-o.

- Por que a pressa, sr. Mac Monei? Nós gostamos muito da sua companhia.

## **Reconciliação**

Quando Patinhas Cintilante chegou em casa, os meninos correram em sua direção.

- Primo! – Eles o abraçaram.

- Obrigado! – Disse ele com um sorriso – É o Donald e o capitão Boeing quem merecem esses abraços. Eles que me salvaram.

- Nós sabemos disso! – Eles abraçaram o tio e o capitão, também – Vocês foram fantásticos!

Patinhas ficou olhando para sua família. A viagem tinha valido à pena, no final. Podia ter perdido o tesouro, mas a afeição deles compensava.

- Nós vamos atrás do tesouro ainda hoje ou vai ser amanhã? – Perguntaram os meninos.

- Meninos, deixem o primo descansar um pouco. – Repreendeu Donald, mas com suavidade.

- Primos, eu... eu desisti de procurar o tesouro.

- O que? Por quê?

- Nada, eu desisti... eu...

- Primo, o Mac Monci te forçou a desistir dele? Te forçou a falar onde ele está? – Perguntou Donald, preocupado.

Era triste. Justo agora que tudo estava bem entre eles, entre ele e Donald, ele ia ter que admitir que tinha sido fraco, que tinha duvidado deles. Ele acenou afirmativamente com a cabeça para Donald.

- Você está bem, primo? O que ele fez? Se ele encostou um dedo em você...

- Ele não fez nada disso, primo. Não se preocupe.

- Mas, então...

- Eu contei pra ele! Me desculpem. Ele me convenceu de que... de que vocês não conseguiriam me salvar, de que vocês – Essa foi a parte mais difícil de admitir – de que vocês talvez não quisessem me salvar. Eu estava muito mal naquela hora, as nossas brigas, os arrependimentos, tudo... Ele conseguiu me convencer... Eu duvidei de vocês, julguei vocês mal. Estou envergonhado. Disso, do jeito como eu me comportei. Me desculpem mesmo.

- Nós todos nos julgamos mal uns aos outros, primo. – Disse Donald, colocando a mão no ombro dele – Não se preocupe com isso. Nós todos erramos. Você não tem que se envergonhar de nada. Mas isso – Ele indicou os patinhos, o capitão, Patinhas Cintilante e a si mesmo – Essa união ainda continua. Ela é muito mais forte que esses problemas.

Patinhas Cintilante com lágrimas nos olhos, abraçou Donald, os patinhos e o capitão Boeing.

- Não vamos desistir ainda, primo. – Disseram os meninos. – Já estivemos em situações mais difíceis com o seu pai, e conseguimos. Mac Monei ainda não pegou o tesouro e talvez nem pegue.

Eles estavam certos desta vez.

## O tesouro de Spada

Patinhas Cintilante, Donald, Huguinho, Zezinho, Luisinho e o capitão Boeing chegaram a Pescarenico. Era uma bela cidade, localizada às margens do rio Adda, cercada por montanhas, das quais merecem destaque a San Martino e a Resegone.

O templo de Janus ficava em um desses montes. Os templos desse deus tinham uma tradição interessante. Segundo a lenda, Janus havia atacado os soldados de Sabina quando estes tentaram invadir Roma. Desde então, nos tempos de guerra as portas do seu templo ficavam abertas e nos tempos de paz, fechadas.

Quando o grupo se aproximou dele, descobriu que estava fechado.

- Era só o que faltava. – Disse Patinhas.

- Bem, ele deve abrir algumas vezes. – Disseram os patinhos – Devem vir visitantes aqui, de vez em quando. Só temos que descobrir quem abre ele.

- Aqui não parece um lugar que recebe muitos visitantes. Nunca tinha ouvido falar daqui antes disso. – O capitão Boeing disse.

- Ainda assim, alguém deve abrir ele alguma vez. Ele tem que receber uma manutenção, de vez em quando.

Uma senhora estava passando por ali, naquele momento.

- Por favor – Disseram os patinhos, com toda a educação – A senhora poderia nos informar quem cuida deste templo?

- Ora, o padre Manzoni. Do orfanato.

- Obrigado. Nós não somos daqui. A senhora poderia nos informar onde fica esse orfanato?

Ela indicou o lugar, na saída da cidade, e o grupo se dirigiu para lá.

Na entrada lia-se “Orfanato Frei Cristoforo”. Eles tocaram a campainha. Em pouco tempo um padre atendeu.

- *Buon giorno, signori.*

- *Buon giorno.* Nós precisamos falar com o padre Manzoni.

- Ah, sim. Acompanhem-me, por favor.

Nenhum deles estava preparado para o que veriam lá dentro. Havia um grande número de crianças lá, muito magras e pequenas. Todas tinham uma expressão triste. Algumas brincavam. Uma estava chorando, no colo de um padre. Os padres que eles viram também tinham essa expressão triste. Estava claro que aquele lugar passava por dificuldades. Os patinhos foram os que ficaram mais emocionados. Se não fosse pelo seu tio Donald, talvez eles estivessem em uma situação parecida.

Encontraram o padre Manzoni na capela do orfanato. Era um pato muito magro, alto, velho, com o cabelo e barba totalmente brancos.

- *Buon giorno, signori*. Que posso fazer por vocês?

- Nós soubemos que o senhor abre o templo de Janus, de vez em quando. – Começou Patinhas.

- Ah, sim. De fato, eu algumas vezes abro o templo. É um patrimônio de Pescarenico e, embora a cidade não lhe dê muita importância, eu gosto de garantir que ele está em bom estado.

- Seria muito incômodo se o senhor pudesse abri-lo para nós?

- Não seria incômodo nenhum, é um prazer. É muito raro os turistas se interessarem pela nossa cidade. Como os senhores ouviram falar nela, se me permitem a pergunta?

- Nós... temos um amigo que nasceu aqui. – Disse Patinhas, contrariado. Não gostava de ter de mentir para aquele padre, que tinha sido tão atencioso.

- É mesmo? Bem, *signori*, vamos.

Viram de novo as crianças magras quando saíram.

- Vocês parecem ter dificuldades aqui. – Disse Patinhas, compadecido.

- Sim. O orfanato é mantido basicamente por mim e pelos outros padres. Infelizmente, as nossas rendas não são suficientes para o número de crianças que acolhemos.

- Eu não sabia que ainda haviam tantos órfãos assim. – Disse Donald.

- Alguns deles não são órfãos, *signore*. Alguns foram abandonados nas ruas, alguns sofriam violência de seus familiares, alguns foram até trazidos pelas mães e deixados aqui. É triste.

Eles chegaram às portas do templo. O padre abriu.

- Deixarei os *signori* à vontade. Quando saírem, me avisem no orfanato que eu virei fechar o templo.

Logo que entraram, a primeira coisa que viram foi a estátua do deus. Ele era representado por um homem com dois rostos. Um virado para a esquerda e o outro para a direita.

- Devemos empurrar o sétimo tijolo, da esquerda para a direita, atrás do deus. – Disse Patinhas. Ele tinha lido os registros várias vezes.

Assim que empurraram, abriu-se uma abertura na parede. Depois de descerem uma escada muito longa, chegaram a uma galeria subterrânea. Ela estava repleta de moedas, jóias e objetos de ouro.



Vendo toda aquela riqueza, Patinhas Cintilante não pôde se conter. Saltou sobre ela, rolou sobre as moedas, jogou-as para cima. Agora ele entendia como seu pai se sentia e por que os famosos banhos de dinheiro não produziam efeito nele. Não era o dinheiro o que contava, era o que ele significava. E aquele tesouro era muito importante para ele. Não era por causa do seu valor. Ele era o primeiro tesouro que ele tinha encontrado, simbolizava a primeira vez que ficara junto de sua família, a primeira aventura que tivera com eles, a superação de desafios, de problemas, de desentendimentos.

De repente ele parou. Aquele tesouro parou de lhe fascinar tanto. Tinha pensado em uma coisa e isso tinha deixado-o com grandes conflitos. Aquele tesouro era dele mesmo? Estava há séculos naquela região, devia, portanto, ser dos seus habitantes. Ou usado para o bem deles.

Ele não teria se importado com isso antes, se não tivesse visitado o orfanato. Lembrou daquelas crianças pobres, daqueles padres magros fazendo o possível para cuidar delas da melhor forma possível, da atenção que o padre Manzoni tivera com eles. E lá estava ele, o pato mais rico do mundo, aumentando ainda mais a sua fortuna.

- Primo, algum problema? – Donald perguntou.

Patinhas não sabia o que falar. Amava aquele tesouro. Doia ter de se separar dele. Por que aquela caça ao tesouro teria que terminar dessa forma? Não era justo. Olhou para sua família. O que eles pensariam dele?

Ficou um tempo pensando nisso e, por fim, tomou uma decisão:

- Donald, meninos, capitão. Eu não vou ficar com o tesouro.

- O que? – Perguntou Donald, espantado – Depois de tudo isso? Por quê?

- Eu vou dar ele para o padre Manzoni. Para o orfanato. Eles precisam mais dele do que eu. Pode ir chamá-lo, capitão Boeing.

O capitão foi e Patinhas ficou olhando para o tesouro.

- Você tem certeza disso, primo? – Perguntou Donald.

- Eu tenho. Mesmo. Não sei se é uma coisa que meu pai faria, talvez não seja, mas é o que eu vou.

- Mas você estava tão animado, até nadando nele! Por uns minutos eu achei que o tio Patinhas tinha ressuscitado. Agora não quer mais?

- É, eu amo esse tesouro. Mas não é ele, exatamente – Disse, depois de pensar mais um pouco – É o que ele significa. A nossa primeira aventura, igual àquelas que vocês tinham com meu pai. A nossa aproximação, depois daquelas brigas. Eu vou confessar: eu chamei vocês porque queria ficar mais perto de vocês. Queria conhecer melhor vocês. Queria me dar

bem com vocês. É isso o que importa pra mim, a memória de tudo isso vale mais do que o tesouro.

- Agora você está falando igual ao tio Patinhas. – Disseram os meninos.

- Eu vou ficar mais parecido com ele. – Disse Patinhas Cintilante, pegando uma moeda, em meio às outras. – Eu não vou ficar sem nada. Vou guardar esta aqui como recordação. Vai ser a minha Número Um.

Em pouco tempo o capitão Boeing retornou com o padre Manzoni. Este último parecia muito espantado dos patos terem descoberto em minutos o que ele nunca vira em todos os anos em que cuidou do templo. Ficou mais espantado ainda quando viu a fortuna.

- *Dio mio!* O que é isso, *signori*?

- Esta é a fortuna dos cardeais Spada e Rospigliosi, padre Manzoni. – Disse Patinhas, se adiantando. – Talvez tenha ouvido falar nela.

O padre fez “sim” com a cabeça. Ainda estava muito surpreso para falar.

- É sua, padre. – Disse Patinhas, por fim.

- O que?

- É sua.

- *Signori*, o que é isso? Eu não entendo.

- A fortuna é sua, padre.

- E os *signori*?

- O *signore* precisa mais dela do que nós. – Disse Donald, dessa vez.

- Eu... *Grazie, signori! Molte grazie!* – Só agora ele havia acreditado.

- Não foi nada, padre. Vamos agora. – Disse Patinhas, para sua família.

- Um momento, *signore*. – Disse o padre. – Foi o *signore* quem achou esse tesouro. O *signore* não quer nada mesmo?

- Não, padre. – Disse Patinhas, com um sorriso – Eu já achei o meu tesouro.

E, dizendo isso, saiu do templo com Donald, Huguinho, Zezinho, Luisinho e o capitão Boeing.

## Epilogo

“MILIONÁRIO DOA FORTUNA PARA ORFANATO”, esta era a surpreendente manchete. “Contrariando todas as expectativas, o controverso milionário Patinhas Cintilante Mac Patinhas, filho do polêmico magnata Patinhas Mac Patinhas, doou toda a fortuna dos cardeais Spada e Rospigliosi, escondida desde o final do século XV, para o “Orfanato Frei Cristoforo”, em Pescarenico.”

O jornal continuava falando da descoberta do tesouro, citava o livro de Alexandre Dumas e listava os pontos turísticos de Pescarenico. Além dessa notícia, outra que interessou o mineiro que o lia era: “O milionário sul-africano Mac Monei, depois de passar dias prisioneiro do criminoso Rupert Hentzau, em Veneza, foi solto mediante o pagamento de um exorbitante resgate. O magnata se encontra agora em tratamento com o insigne psicanalista dr. Bellows. Apesar do terrível trauma o médico acredita na recuperação rápida do paciente.”

“Caridade! Que ideia!”, pensou o mineiro. “E eu pensava que ele tinha me puxado! Isso deve ser o sangue da Dora.”

O mineiro se levantou, sua esposa lhe havia pedido para comprar provisões na cidade e ele já havia perdido muito tempo com aquele jornal estúpido. “Puxou a mãe”, ele pensou novamente, enquanto caminhava pelo Vale da Agonia Branca.

Em determinado momento, seus olhos se dirigiram quase automaticamente para o alto de uma colina, onde, há muito tempo, quatro rochas demarcavam um quadrado. A visão daquele lugar o fez respirar fundo e pensar, com um misto de desgosto, mas também de orgulho e afeição: “É, puxou a mãe... e o pai...”, para logo depois gritar em voz alta, como geralmente fazia: “Bah!”

Muito longe dali, amanhecia na Cidade do Futuro. O sol começava a surgir, iluminando os prédios, árvores e as pessoas levantando de suas camas, tomando seu café da manhã, se despedindo de suas famílias e partindo para mais um dia de trabalho.

Não havia nada que diferenciasse este dia dos demais, a não ser uma expressão diferente no rosto do pato mais rico do mundo, que contemplava a cidade da sua janela. Ele sorria.

- Perdão, patrão. O sr. James Bailey está no telefone. Deseja falar com o senhor.

- Está bem, Alfred. Já vou falar com ele. Obrigado.

Patinhas Cintilante conversou com o sr. James Bailey. Depois, tomou seu café da manhã e se preparou para mais um dia de trabalho.

- Perdão, patrão – Disse o mordomo – O sr. Donald me pediu para lembrá-lo do jantar na casa dele, esta noite.

- Está bem, Alfred. Obrigado.

Patinhas Cintilante entrou em seu carro e se dirigiu para a caixa forte. Sentou-se à sua mesa. Ele estava sorrindo. Há quanto tempo não fazia isso?

A riqueza de um homem pode ser medida  
pelo quanto ele acumula?

Ou o quê importa realmente são suas histórias,  
suas experiências e as pessoas que o cercam?

Vejam o pato mais rico do mundo descobrir a  
resposta para essa questão.

Juntem-se a Patinhas Cintilante, em uma jornada  
de descobertas, perigos, emoções e redenção.

Com Donald e seus sobrinhos, ele vai saber algo que  
seu pai Patinhas MacPatinhas descobriu.

O quê é mais importante?

O tesouro em si ou a aventura para conquistá-lo?